



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

NEUSARINA CARAVELAS FURTADO

O PROTAGANISMO DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO:
UMA ABORDAGEM SOBRE LÍDIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

BELÉM - PARÁ
2011



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

NEUSARINA CARAVELAS FURTADO

**O PROTAGANISMO DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO:
*UMA ABORDAGEM SOBRE LÍDIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS***

Monografia apresentada em cumprimento às exigências da disciplina **TCC II** dos cursos da Faculdade Teológica Batista Equatorial.

BELÉM - PARÁ
2011

FURTADO, Neusarina Caravelas

**O PROTAGANISMO DAS MULHERES NA
EVANGELIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM SOBRE
LÍDIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS.**

Belém: 2011, p. 100.

1- TEOLOGIA BÍBLICA DO NOVO TESTAMENTO

2 – Trabalho científico – Monografia. I título

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL

CDD. 020

NEUSARINA CARAVELAS FURTADO

O PROTAGANISMO DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO:
UMA ABORDAGEM SOBRE LÍDIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção de grau de Bacharelado em
Teologia pela FATEBE – Faculdade
Teológica Batista Equatorial/ orientado pelo
Prof. Elcio Sant'Anna

Banca Examinadora:

1. _____
Elcio Sant'Anna – Prof. Orientador
2. _____
Manoel Moraes Ribeiro Filho – Prof. Avaliador
3. _____
Douglas Conceição – Prof. Avaliador

Aprovada em: ____/____/____

Conceito: _____

DEDICATÓRIA

Dedico estas páginas a minha querida mãe Maria Assunção – In Memória. A ela toda minha gratidão pelo exemplo de mulher forte, corajosa e de fé inovadora.

Lembro com muita saudade e carinho a sua presença dinâmica no Clube de Mães Menino Deus, quando nos momentos de reflexão das Sagradas Escrituras, ela sabia colher aquilo que era fundamental no seguimento de Jesus Cristo. Por isso, num dos momentos decisivos de minha vida, ela me fez lembrar as palavras de Jesus: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62). Por isso, eu não me canso de lutar por meus ideais.

A conclusão deste curso é uma grande conquista e muito significativa para mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar louvo e agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria, por ter me conduzido nestes anos tão difíceis de vida acadêmica.

Aos meus familiares por todo apoio e carinho nos momentos mais difíceis que passei.

Às Missionárias de Maria – Xaverianas pela participação nesta caminhada;

Agradecimentos especiais pelos professores e pelas pouquíssimas professoras que ao longo destes anos contribuíram de maneira significativa com a minha formação;

Às amigas e aos amigos que sempre se fizeram presentes nesta busca.

À Fatebe, por ter me acolhido como estudante e me proporcionar a graduação do Curso de Teologia.

E a todas as mulheres que comigo partilharam momentos de alegrias e sofrimentos nas diversas atividades da Pastoral do Menor, no município de Barcarena e atualmente na região metropolitana de Belém do Pará.

RESUMO

No presente estudo algumas interrogações são pertinentes para a reflexão sobre o protagonismo de mulheres nas primeiras comunidades cristãs e na evangelização hoje. Pergunta-se: por que apesar do protagonismo das mulheres na evangelização das primeiras comunidades cristãs, patentes nas escrituras, seu status e papel foi relegado a segundo plano? Diante de tal realidade, quais são as perspectivas para a sociedade e a igreja? Qual é a contribuição específica da mulher no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, hoje?

Tais reflexões são indicativos importantes para esta pesquisa. Por isso, a partir do amplo panorama bíblico e diante do dinamismo das primeiras comunidades cristãs, observa-se o protagonismo de mulheres na história da salvação.

Os evangelhos apresentam inúmeras mulheres que aparecem ao lado de Jesus e também, nos primeiros séculos do cristianismo. Dentre elas encontramos Lídia, que vem apresentada como uma personagem marcante, por ter acolhido em sua casa a primeira comunidade cristã da Europa.

Trazendo para a atualidade, observa-se que a história do Brasil está cada vez mais marcada por figuras femininas que se destacam na história da libertação da mulher e isso coloca em relevo a importância da organização e da tomada de consciência que elas tem conquistado. Um exemplo disso são as mulheres do cenário político e religioso, como a pesquisa mostrou: a eleição da presidenta Dilma, como primeira mulher a governar o país e a experiência da Casa Trapiche em Belém do Pará.

Palavras chaves: protagonismo, mulheres, evangelização, Lídia.

Quem ousa desprezar uma
nação que tem mulheres como esta?
Judite 10,19

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO I – A SITUAÇÃO DA MULHER ISRAELITA À LUZ DO SEGUNDO TESTAMENTO	13
2.1. NA ÉPOCA DE JESUS	13
2.1.1. NA VIDA PÚBLICA	14
2.1.2. NA FAMÍLIA	16
2.1.3. NA ECONOMIA	18
2.1.4. NA RELIGIÃO	19
2.2. AS MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS	20
3. CAPÍTULO II – LÍDIA NA VIAGEM MISSIONÁRIA COM PAULO	26
3.1. A PERÍCOPE: ATOS 16, 10- 17	26
3.2. ESTRUTURA DO TEXTO	27
3.3. O TEXTO E SEU GÊNERO LITERÁRIO	30
3.4. O LUGAR SOCIAL DE LÍDIA	32
3.5. LÍDIA: LIDERANÇA E SOLIDARIEDADE NA MISSÃO	35
4. CAPÍTULO III – A PRESENÇA DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS.	37
4.1. MULHERES EM ORAÇÃO: NA SINAGOGA OU NA CASA?	37
4.2. O PAPEL DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DE LÍDIA.	42
4.3. A PARTICIPAÇÃO DE LÍDIA NA EVANGELIZAÇÃO: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES.	43
5. CAPÍTULO IV – A PRESENÇA DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO HOJE	49
5.1. FIGURAS FEMININAS QUE MARCAM A HISTÓRIA NA ATUALIDADE.	49
5.2. O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO	51
5.3. CASA TRAPICHE: MULHERES LENDO A HISTÓRIA DE LÍDIA.	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

“Entrem na minha casa.”
(At. 16,15)

Esta pesquisa nasce a partir da interpretação do convite: “Entrem na minha casa”, presente em At 16,15 e motiva-se pelo exemplo de Lídia, uma das personagens femininas do Segundo Testamento¹ que inspira a criação de terrenos fecundos para evangelização e empoderamento das mulheres que lêem a Bíblia na sociedade atual.

Tal pesquisa destaca o protagonismo das mulheres na evangelização das primeiras comunidades cristãs a partir de Atos dos Apóstolos (16,10-17) em conexão com fragmentos da Carta aos Filipenses, ressaltando o papel de Lídia como presença ativa da comunidade de Filipos.

Num mundo marcado por situações desafiadoras, tais como o crescimento de novos grupos religiosos, as crenças em outros “deuses”, o comércio da fé, a degradação da natureza, as injustiças, as falhas e o descrédito do sistema político, a violência contra negros, mulheres e crianças, os avanços da tecnologia e da comunicação e as mais diversas formas de violência inerentes aos últimos séculos, torna-se natural viver a individualidade, o medo e a até mesmo a descrença.

Por estes e tantos outros motivos, faz-se necessário refletir sobre o papel de determinadas categorias de pessoas que sofrem com a exclusão e a falta de respeito na sociedade globalizada. Destaca-se aqui o papel desafiador das mulheres. Desta vez não como meras vítimas, mas principalmente como agentes de transformação.

Durante séculos a mulher sofre discriminações e preconceitos. No entanto, nestas últimas décadas ela tem conquistado maior espaço e significativa presença na sociedade e nas igrejas.

No Brasil o cenário político, vem se destacando com o número de mulheres que assumem

¹ Neste trabalho optou-se pelo termo Primeiro e Segundo Testamento ao invés de Antigo e Novo Testamento.

o governo de cidades, de estados, parlamentos e também nas igrejas com os diferentes ministérios. Recentemente, um fato inédito foi à eleição de Dilma Rousseff como a “primeira mulher a ocupar a presidência” no país. O que isso significa para uma nação que ainda é fortemente marcada por tanto preconceito, discriminação e violência contra a mulher? Conforme a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o Sesc: a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas violentamente no Brasil.² O desafio está posto. Segundo a presidenta Dilma, a sua eleição significa “abrir portas para que outras mulheres, no futuro, possam ser presidentas”.³

Este fato confirma a mudança de paradigmas que vem acontecendo na sociedade atual. E, neste processo observa-se o empoderamento da mulher diante de situações precisas, o que contribui de maneira significativa para que ela possa desenvolver suas potencialidades, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Diante desta realidade, algumas interrogações são pertinentes e podem contribuir para o aprofundamento sobre o protagonismo de mulheres na evangelização hoje: Por que apesar do protagonismo das mulheres na evangelização das primeiras comunidades cristãs, patentes nas escrituras, seu status e papel foram relegados a segundo plano? Quais são as perspectivas para a sociedade e a igreja, hoje? Qual o papel da mulher na construção da solidariedade e da paz? Qual deve ser sua missão específica no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo, hoje?

Nesta abordagem será feita uma análise sobre a influência de Lídia na missão de Paulo. Portanto, a pesquisa tem como objetivo principal resgatar o papel das mulheres na evangelização das primeiras comunidades cristãs, tendo como ponto de partida a narrativa de Lídia em Atos. De maneira específica o estudo quer: - destacar o papel das mulheres no contexto histórico cultural das primeiras comunidades cristãs; - resgatar o potencial das mulheres na evangelização a partir de Lídia; - analisar a narrativa e identificar os rostos femininos na evangelização contemporânea.

Os estudos que levam a prováveis respostas estão divididos em quatro capítulos:

O **primeiro capítulo** discorre sobre a situação da mulher israelita à luz do Segundo Testamento apresentando diferentes aspectos da sociedade israelita. No Antigo Israel, bem

² Cinco agressões a cada dois minutos. O Liberal. Caderno Policia. Belém do Pará, p.4, 21/02/2011

³ Dilma quer erradicar pobreza. O Liberal. Caderno Poder. Belém do Pará. p.01, 02/01/2011.

como em outras sociedades, as situações de poder na comunidade pertenciam aos homens. Na época de Jesus tal situação não era diferente. Por isso, tomando como base a idéia de alguns autores percebe-se que a mulher, na sociedade Israelita não teve participação na vida pública. Embora, para certas situações ela tenha um papel relevante, como foi o caso de Lídia. Segundo Ivone Reimer (1995), no texto há um silêncio a respeito das outras mulheres, e “isso pode ser indício, então, de que Lídia era líder daquele grupo”. E afinal, qual o papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs?

A hipótese de que Lídia após sua adesão à Boa Notícia, teria colaborado com Paulo na sua viagem missionária é levantada no **segundo capítulo**. Esta perícopes apresenta importantes elementos para refletir sobre tal questão. Por isso, foram feitas abordagens sobre a Estrutura, o Gênero Literário, o Lugar Social do texto e finalmente coloca-se uma possível mensagem para a evangelização hoje. Qual a melhor interpretação de At 16,10-17?

O **terceiro capítulo** aborda a presença de mulheres nas primeiras comunidades cristãs, destacando personagens importantes como Priscila, Lídia, Febe e tantas outras. A análise da história de Lídia visa resgatar o potencial das mulheres na evangelização das primeiras comunidades. Nesta reflexão vem apresentada, também, uma abordagem de gênero como novo paradigma e como categoria de análise das relações sociais, segundo Ivone Richter Reimer (2005). A questão que permanece em aberto é: por que Paulo e Silas se encontraram apenas com as mulheres na casa de oração (casa-sinagoga), uma vez que os relatos bíblicos não apresentam mulheres na liderança da sinagoga?

Finalmente o **quarto capítulo** trás a presença das mulheres na evangelização hoje. Mulheres que vêm se destacando e contribuindo para uma sociedade que busca caminhos de paz, justiça e direitos iguais. Por isso, será apresentada a história e a experiência de um grupo de mulheres, de Belém do Pará, que se reúnem para o estudo da Bíblia, e a partir da vida buscam refletir sobre o texto bíblico gerando novas relações entre elas e na própria vivência. Trata-se da Casa Trapiche⁴, onde se destaca o interesse pela pesquisa e pela valorização da mulher. O grupo tem como coordenadoras Rai, Mary e Tea.

Através destas mulheres é justo e deveroso homenagear todas aquelas que através de suas vidas resgatam e promovem a vida de pessoas que não tem vez e nem voz.

⁴ BUSCEMI, Maria Soave. Organizadora. Vida e Bíblia. Mulheres Tecendo cura. Editora Contexto. São Leopoldo, 2008.

2. CAPÍTULO I - A SITUAÇÃO DA MULHER ISRAELITA À LUZ DO SEGUNDO TESTAMENTO

Através de diversos textos é possível compreender que a situação da mulher nos relatos do Segundo Testamento é quase sempre relacionada a uma figura masculina. Até mesmo Maria, a mãe de Jesus vem apresentada em função da missão de seu filho.⁵

Em vários casos elas são apresentadas como um ser insignificante que sofrem doenças ou são vistas de maneira discriminatória: possuídas por demônios, pecadoras públicas (Mc 16,9; Mt 14,6-8).

Alguns textos apresentam situações desafiadoras, como em I Coríntios 14,33-35. O texto não apresenta muita clareza, quanto aos imperativos sobre o silêncio das mulheres nas assembleias.⁶ Por isso, tal realidade nos leva a refletir, e nos motiva para aprofundar este tema, buscando respostas à seguinte questão: Qual a situação da mulher israelita no contexto do Segundo Testamento? A pesquisa limita-se à época de Jesus e das primeiras comunidades, que é, também, o contexto histórico de Atos 16,10-17.

2.1. NA ÉPOCA DE JESUS

No Antigo Israel, assim como em outras sociedades daquela época, o poder pertencia ao homem. Portanto, na época de Jesus a situação era a mesma, e apesar do processo de sedentarização que foi acontecendo ao longo dos séculos, permaneceram os costumes arraigados na organização patriarcal que caracterizou as tribos.⁷

Vale ressaltar que no campo da teologia cristã tornou-se comum afirmar que o patriarcado é fruto da religião e da cultura judaica. Tal afirmação “é falsa e discriminatória..., pois nisso transparece um antijudaísmo religioso e uma negação implícita da matriz judaica

⁵ Mt 1,18. Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB). São Paulo: Loyola 1994, pp.1856-1857.

⁶ BIGUZZI, Giancarlo. Paolo e la donna. Milano: Figlie di San Paolo, 2009, pp.75-77.

⁷ LADISLAO, Maria Glória. As Mulheres na Bíblia. São Paulo: Edições Paulinas, 1995, p.17

do próprio Jesus, do movimento jesuânico e de várias correntes nas origens da igreja”. É preciso lembrar que o patriarcado era um sistema vigente em todas as sociedades do Mar Mediterrâneo, portanto, presente também no sistema romano. “Diante do sistema de dominação patriarcal romana, o patriarcado judeu é o patriarcado de um povo oprimido, buscando sobrevivências cultural, social e religiosa dentro de um contexto que lhe é hostil”. Por isso, esse patriarcado judeu não pode ser identificado com aquele do poder romano.⁸

É a partir desta realidade que este capítulo será apresentado, considerando diferentes aspectos da vida da mulher na sociedade israelita.

2.1.1. Na vida pública

Tomando como base a idéia de alguns autores percebe-se que a mulher, na sociedade Israelita não teve participação na vida pública. Isto leva a crer que provavelmente a figura feminina não saía do seu lar, ou seja, permanecia nos ambientes exclusivos para mulheres, exceto em algumas situações; como nas festas religiosas, em que elas participavam das procissões e celebrações, porém, nos lugares reservados.⁹

Esta disciplina rígida era uma característica dos lugares urbanos; por outro lado, a vida no campo era mais livre. A mulher com freqüência trabalhava junto ao seu marido no cultivo da terra.

Considerando a ideia da não participação da mulher na vida pública é importante compreender alguns aspectos dessa cultura, que possivelmente nos levam a entender porque a mulher ficou relegada ao segundo plano e considerada como pessoa inferior.

Muitos fatores contribuíram para a exclusão da mulher. No entanto, quanto ao aspecto cultural da sociedade israelita um destes elementos importantes é o sangue. “Para os israelitas, bem como para outros povos, a vida de todo ser vivente está no sangue. E, aqui, convém lembrar que para eles, não existe a distinção entre corpo e alma, tal como nós a concebemos. Isto é, para eles o ser humano constitui uma unidade, cuja vida está no

⁸ REIMER, Ivone Richter, organizadora. Economia no mundo bíblico (Centro de Estudos Bíblicos). São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006, p.74-75.

⁹ LADISLAO. Op. Cit., p.17.

sangue”.¹⁰

Tal conceito era válido também para os animais, conforme afirma o texto do Levítico: “Porque a vida da carne está no sangue. E este sangue eu vo-lo tenho dado para fazer o rito de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas” (Lv 17,11).

Estes conceitos escondem uma grande sabedoria, uma vez que o sangue possui algo do mistério da vida. No entanto, para a mulher se trata de um elemento negativo e que a torna impura. Confirma:

“Esse mistério da vida, que constitui uma das grandes riquezas da mulher, reverteu lamentavelmente contra ela. Para o israelita, era tão importante não manipular o sangue que todo aquele que entrasse em contato com ele era considerado impuro... Sendo assim, em razão de seu ciclo menstrual, a mulher se tornava impura todos os meses; e não apenas ela, como também a cama em que se deitava e os objetos por ela tocados (Lv 15,19-30)”.¹¹

Foram esses conceitos culturais que provavelmente influenciaram na idéia de que a mulher era mais impura que o homem. E conseqüentemente, muitos preconceitos foram se construindo ao redor desta idéia. A partir de tais conceitos se justificava a exclusão da mulher em muitos aspectos da vida social.

Outra situação muito particular na vida pública era o julgamento, onde a mulher não podia servir de testemunha. Pois, segundo a justificativa de um rabino: “em razão da leveza e temeridade do seu sexo”.¹² A exemplo disso em Gênesis 18,15 afirma-se que Sara, esposa de Abraão, diz uma mentira. Este argumento evidencia a fraqueza, como uma característica apenas da mulher (Gênesis, 12,11 ss). E Abraão, não mentiu também?

Sobre este tema há um típico exemplo bíblico que é a narrativa de Susana. Ela foi acusada injustamente e sua condenação não tinha provas. O texto diz que a decisão foi tomada apenas pelos anciãos: “Somente uma intervenção do profeta na assembléia irá chamar a atenção sobre esta injustiça (Dn 13,48) e Susana será, finalmente, declarada inocente”.¹³

¹⁰ Idem. pp. 11-12.

¹¹ Idem. p. 12.

¹² Idem. p. 17.

¹³ Idem. p. 17-18.

No Primeiro Testamento apesar de mulheres ilustres serem mencionadas na história do Povo de Israel, a cultura patriarcal é totalmente favorável ao homem e contra a mulher. E, ao resgatar a história social do Segundo Testamento é possível perceber que a lógica do sistema romano era de subordinação à dominação de um patriarca. Por isso, socialmente havia divisão de classes, onde a elite era superior ao resto do povo.¹⁴ Partindo desta concepção observa-se que o Império Romano foi organizado e dirigido a partir do modelo patriarcal, cuja célula base era a família, dando destaque à procriação e ao domínio paterno. Esta abordagem será apresentada nos itens a seguir.

2.1.2. Na família

A situação da mulher na família, não era diferente de outros níveis da sociedade, onde se reafirmava o sistema de dominação patriarcal. E, como já foi abordado anteriormente, o contexto social do Segundo Testamento era patriarcal. Havia sempre a dominação de um homem sobre seus dependentes. E, na família o poder era exclusivo do pai.

O patriarcado está intimamente ligado à hierarquia, onde um grupo é considerado superior ao outro. Tal poder era exclusivo do homem. Neste sentido, a mulher tinha o papel de esposa, que gerava filhos legítimos como herdeiros, com o fim último de manter o Estado. De modo geral, ela não podia ser proprietária ou herdeira, mas vivia na casa patriarcal como um componente que deveria receber comida e proteção. Confirma:

“Se houvesse filhos homens, as filhas mulheres não tinham direito a herança. O pátrio poder era exclusivo do pai. Enquanto a filha não completasse 12 anos, o pai podia dispor livremente com quem havia de se casar; após essa idade, somente podia fazê-lo com o consentimento da menor...”¹⁵

Quanto ao matrimônio, o costume era de comprar a esposa, pagando por ela um preço estipulado pelos pais do noivo, ou pelo próprio noivo, caso este fosse adulto. Esse conceito da mulher como propriedade do marido consta claramente, inclusive na formulação do décimo

¹⁴ PATRIARCA, Célia Maria. Filipos, mulheres e solidariedade (Estudos Bíblicos – 102). Petrópolis: Editora Vozes, 2009, p. 70.

¹⁵ LADISLAO. Op. Cit., p.18.

mandamento: “Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo”. (Ex 20.17)

Neste sentido, a ideia da esposa como propriedade do marido, estava também, baseado ao pecado de adultério, que era considerado uma falta contra a propriedade do marido. Por isso, a adúltera deveria ser apedrejada.¹⁶ Tal situação se sustenta ainda hoje, quando ao homem tudo é permitido e quanto à mulher, ela deve estar sempre submissa ao homem.

Outro fator que contribuía para a falta de equidade entre a situação do homem e da mulher era a poligamia: somente ao homem era permitido ter diversas esposas. Para a tribo, o matrimônio significava que a mulher havia entrado para a família do esposo; admitido esse conceito como base, era conseqüentemente lógico que o direito do clã permitisse ao homem ampliar livremente suas uniões.

Quanto ao divórcio, era facultado ao marido exigi-lo, caso descobrisse algo de “impuro” cometido pela sua esposa. Isto dava ao homem o direito de despedir sua mulher por motivos muitas vezes insignificantes. Conforme foi acenado anteriormente, se a falta cometida pela mulher consistisse em adultério, o marido podia exigir a pena máxima, que era o apedrejamento (Dt 19,1-9 e Jo 8,1-11).

Situações como esta se encontram nos evangelhos, quando os mestres da lei questionam Jesus para saber sua opinião sobre o assunto (Mt 19,1-9). De outro lado, o direito a pedir divórcio de seu marido era estritamente limitado para a mulher.

Dentro desta realidade familiar, a maternidade era vista em função da descendência, pois nela estava a perpetuidade e a força da família, do clã e da tribo. Os filhos eram considerados uma bênção e a mulher estéril era tida como pessoa abandonada pela mão de Deus. “Constata-se, pois, que a maternidade era o ponto mais alto na valorização da mulher. Não se apreciava uma mulher que não fosse também mãe”.¹⁷

Observa-se neste contexto que “o status legal da mulher era de dependência em relação ao pai e depois ao marido. Era o pai ou o marido quem decidia sobre todos os assuntos de ordem familiar. Em casos de abusos sexuais cometidos com a moça virgem ou grávida, o

¹⁶ João 8,1-11. Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB). São Paulo: Loyola 1994, pp. 2060-2061.

¹⁷ LADISLAO. Op. Cit.,15

indenizado era o pai ou o marido, e não diretamente a mulher (Ex 21,22; 22,16-17).”¹⁸

2.1.3. Na economia

A economia da Palestina não era de grandes dimensões, portanto, a mulher se ocupava das utilidades do lar e neste sistema, não há consideráveis informações sobre a presença de mulheres em algum tipo de comércio. O patriarcado também tinha sua própria forma de construir suas relações econômicas e políticas.

Sobre este tema, Ivone Richter Reimer, numa recente obra, faz uma abordagem sobre: “Patriarcado e economia política. O jeito romano de organizar a casa”. Confirma:

“Este artigo quer ajudar a entender a construção das relações econômicas e de gênero a partir de elementos centrais da estrutura ideológica que sustenta o Império Romano, em cuja realidade viviam também as comunidades judaicas-cristãs originárias.”¹⁹

Nesta reflexão a Richter afirma que “O sistema patriarcal somente sobrevive quando sustentado e reproduzido ideológica e economicamente”. Sem querer fazer comparação com os conceitos hodiernos, sabe-se que as pessoas daquela época, também trabalhavam e faziam comércio, mesmo se ainda não era de maneira organizada como na atualidade. Por este motivo, possivelmente não se encontram escritos sobre a economia.

Pittakos, um dos sete sábios da Ásia Menor, diz que: “O lucro é insaciável”. E, isso mostra “a essência de uma política econômica dentro de um sistema de relações não-igualitárias”. Compreende-se aqui, o conceito de economia política partindo do pressuposto “que o trabalho não é apenas um ato para a sobrevivência humana, mas uma relação social e um fazer sociológico”.²⁰

Sabe-se que a forma de organizar as relações econômicas refletia no modo como pensavam e viviam as religiões, isto é, como Deus quer que se organize e se administre seus bens. A partir de Jesus, as comunidades conheceram uma nova maneira de administrar sua

¹⁸ REIMER, Ivone Richter. Grava-me como selo sobre teu coração. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 46.

¹⁹ REIMER. 2010. Op. Cit., p.72.

²⁰ Idem. p. 86.

casa e seus bens. E isso vai entrar em choque com o sistema da “pax romana”.²¹

Neste contexto é possível ver que a situação da mulher está sempre em função do homem. Isto é, as mulheres podiam ser a honra ou a vergonha dos homens. Ivone Reimer, na obra citada, lembra que “a mulher da classe alta romana, componente da casa patriarcal, recebe comida e proteção. Mas não pode ser proprietária ou herdeira, nem possuir dinheiro. Somente em algumas exceções, a filha de um homem rico pode ser herdeira. Cícero menciona mulheres quando a questão é casamento, filhos legítimos e honra do pai/marido”.²²

A situação da mulher, porém, nem sempre foi de submissão. E apesar do sistema patriarcal dominante, “o movimento missionário cristão fornecia assim uma visão e prática alternativas à visão e prática da sociedade e religião dominantes”.²³ Por isso, a história de Lúdia como comerciante se torna um fato relevante nesta pericope.

2.1.4. Na religião

Baseando-se no que já foi exposto sobre a exclusão da mulher, será destacado apenas alguns aspectos, do contexto religioso, como: a instituição do sacerdócio como uma exclusividade dos homens; a separação das mulheres no templo; a proibição de pronunciar a bênção nas refeições da família e do estudo da Torá.

A situação no tempo de Jesus já apresenta algumas mudanças, que possivelmente tenham sido adotadas pela influência dos gregos. Neste período a mulher já aparece com alguns direitos, diferenciando-se dos costumes israelitas. Tudo deixa a crer que elas também liam a Torá. Porém, esta prática não acontecia nos meios mais tradicionais da Palestina. “Nesse sentido, é absolutamente clara a sentença do Rabino Eliezer (por volta do ano 90 d.C.): 'Quem ensina a Torá a sua filha, ensina-lhe a libertinagem (fará mau uso do que aprendeu)’”.²⁴ Apesar destes conceitos é possível falar do importante papel das mulheres na comunidade de fé. Confirma:

²¹ Idem. p. 73

²² Idem. p. 79

²³ FIORENZA, S. Elizabeth. As origens cristãs a partir da mulher: Uma nova hermenêutica. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 287.

²⁴ LADISLAO, Op. Cit., p.19.

“É comum e freqüente ouvirmos e lermos a respeito da discriminação da mulher na vida cúlrico-religiosa no judaísmo. Sem duvida, como em todos os sistemas patriarcais, ela estava presente também na vida religiosa. Aqui, no entanto, cabe ressaltar ainda as experiências de participação de mulheres nesse âmbito de vida.”²⁵

Nas três grandes festas anuais algumas leis exigem apenas a participação de homens (A Festa dos Pães Azimos, a Festa das Semanas e a Festa dos Tabernáculos (Dt 16,16; Ex 23,17). No entanto as mulheres não eram proibidas de participar (Dt 16,10-11.14). Elas também traziam a oferta de sacrifícios (Lv 12,6; 1Sm 1,24), o que na sociedade patriarcal era concedido apenas aos homens.

2.2. AS MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS

Nas narrativas dos evangelhos é freqüente a presença de mulheres que seguiam Jesus. Pode-se observar que geralmente elas aparecem nos momentos decisivos de sua vida, isto é, nascimento, paixão, morte e ressurreição.

Muitas obras já mencionaram a situação da mulher no judaísmo, e particularmente, no tempo de Jesus, onde a mulher, também vivia numa situação de opressão e desvalorização, mantida pelas lideranças religiosas e políticas daquela época. No entanto, não se observa por parte de Jesus, nenhuma atitude de discriminação contra a mulher. Pelo contrário, ele mantém uma relação livre e respeitosa, diferenciada dos costumes e tabus daquela época.

Diante desse fato, para alguns autores, sobretudo as mulheres, é pertinente a seguinte pergunta: Por que não são mencionadas as mulheres no grupo dos doze? E, por mais que isso se justifique por causa da cultura da época, este questionamento está baseado em diversos textos, onde os autores do evangelho colocam a presença da mulher em situações importantes da vida de Jesus. Enfim, sabemos que o Segundo Testamento não pretende revelar de forma precisa, direta e terminante a atitude de Jesus. Muitas informações poderão ter sido mal-entendidas, pois Jesus não teve nenhuma atitude obscura quanto à sua missão. Confirma:

“Porém, mesmo que remonte ao próprio Jesus uma instituição de ministério e missão apostólicas e que ele só tenha chamado homens para este serviço, isso não constitui prova de um ato expresso da vontade de Jesus, no sentido de querer limitar este ministério aos homens.”²⁶

Tal reflexão se confirma através dos relatos dos quatro evangelhos, que descrevem, com frequência, momentos onde Jesus aparece em companhia das mulheres. Em alguns casos elas são apresentadas como um ser insignificante que sofre doenças, como é o caso da sogra de Pedro (Lc 4,38-39). Em outros relatos elas são vistas de maneira discriminatória. Como podemos ver nestes exemplos :

a) Mulheres possuídas pelo demônio: filha de uma mulher Cananéia (Mt 15,22), Maria Madalena (Mc 16,9) e a mulher encurvada (Lc 13,10-17).

b) A mulher como sinônimo de pecado: Salomé, a filha de Herodíades (Mt 14,6-8).

c) As dores de parto eram interpretadas como sinais apocalípticos (Mt 24,8; Jo 16,21).

No entanto, os quatro evangelhos apresentam textos, onde Jesus tem uma nova atitude e que indicam, por outro lado, como em seu ministério ele associa as mulheres. Eis alguns exemplos: A samaritana (Jo 4,5-41), Maria em Betânia (Lc 10,39), as mulheres testemunhas da ressurreição de Jesus, e tantas outras.²⁷

Como já foi observado, em diversos momentos Jesus rompeu com os costumes de seu tempo. E quanto ao tema é possível entender que ele, também, tem um grupo de mulheres como discípulas. Entretanto, mesmo que elas estejam agindo na sombra e a distancia, os evangelistas não podem negar a presença de algumas delas.

Soberal, afirma que “assim como houve um colégio masculino, houve também um colégio feminino ... que também desempenhou sua tarefa, quando a igreja primitiva rompeu com a sinagoga e começou a reunir-se nas casas de família, que eram transformadas em igrejas”. E isso acontece dentro de um contexto onde “o costume judeu não permitia o

²⁶ OKADA, Kátia Maria. A mulher no ministério ordenado da Igreja. Revista Mandragora. Ano 2, n.2-1995,p.50.

²⁷ O relato sobre a presença das mulheres na ressurreição de Jesus vem citado nos quatro evangelhos.

ministério feminino público.”²⁸ Por isso, muitos questionamentos podem surgir, a partir desta realidade.

Enfim, uma pergunta ainda é pertinente: Quantas foram as discípulas de Jesus? A seguir será apresentado um grupo de mulheres utilizando um número simbólico, chamando-as segundo Soberal: as doze discípulas de Jesus:

- Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios. (Lc 8,2; Jo 19,25).
- Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes. (Lc 8,2).
- Suzana (Lc 8,2-3).
- Maria, a mãe de Tiago, o Menor, e de Joset (Mc 15,40).
- Salomé (Mc 15,40).
- A mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 27,55-56).
- Marta, a irmã de Lázaro (Lc 10,38-42)
- Maria, a irmã de Lázaro (Lc 10,38-42).
- A samaritana, depois de sua conversão (Jo 4,31-42).
- Júnia, que, conforme Paulo, deve ser incluída entre as mulheres (Rm 16,7).
- Maria, mulher de Clopas (Jo 19,25)
- Maria, a mãe de Jesus ... que aparece em diversas ocasiões, mas de modo especial junto à cruz (Jo 19,25-27).²⁹

Estas mesmas mulheres, que encontramos como discípulas de Jesus, em seguida aparecem na comunidade primitiva. Como relata o texto de Atos 1,14: “Todos unânimes, eram assíduos na oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus”.

“Segundo Lucas, para ser apóstolo é preciso reunir quatro condições: ter sido testemunha ocular de Jesus ressuscitado; ter sido testemunha ocular dos fatos e ditos de Jesus desde o batismo; ter sido escolhido pelo próprio Jesus e ter recebido o Espírito Santo no dia de Pentecostes”. Este conceito de apóstolo é bem diferente daquele de Paulo, segundo o qual, “o apóstolo é o missionário que foi enviado por Jesus ressuscitado e pode ser testemunha da

²⁸

SOBERAL, José Dimas. O Ministério ordenado de mulheres. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989, pp. 117

²⁹

SOBERAL. Op. Cit., pp.115-116.

ressurreição'.³⁰

Partindo deste ponto de vista, com maior razão pode-se dizer que as apóstolas de Jesus foram muitas, pois segundo os quatro evangelhos, o Ressuscitado aparece em primeiro lugar às mulheres.

Atos 1,13-14 apresenta um primeiro resumo do livro, e aqui aparecem as mulheres reunidas em oração. Isso mostra que a comunidade primitiva as aceitou em seu seio. Mesmo assim, vale ressaltar alguns detalhes curiosos, como neste texto:

“As mulheres aparecem quando as reuniões da “igreja primitiva” são realizadas fora dos marcos litúrgicos tradicionais; fora das sinagogas e do templo. Quando as reuniões se realizam nas sinagogas e no templo, ali as leis mosaicas continuam sendo observadas. Quando as reuniões acontecem nas casas de família, começam a se destacar os ministérios femininos.”³¹

Lucas é o autor neotestamentário que dá destaque às funções ministeriais das mulheres na igreja apostólica. Vale a pena lembrar um episódio bastante curioso que encontramos em At 12,12: *“Ele se orientou para a casa de Maria, a mãe de João, chamado Marcos; estava lá uma assaz numerosa assembléia a orar”*. Maria acolhe um grupo da igreja primitiva de Jerusalém e aqui não se revela quem presidia a oração. Se tivesse sido um dos discípulos, “Lucas não teria ocultado o fato porque o costume era não atribuir nada as mulheres, a não ser o que realmente faziam”.³² Nesse episódio o texto por trás das palavras mostra que se não vem mencionada outra pessoa além da dona da casa, possivelmente a presidência da comunidade litúrgica pertence a ela.

Nas comunidades primitivas são inúmeras mulheres com nome ou sem nome. Mulheres protagonistas ou mesmo misturadas à multidão. Mulheres que se convertem à fé cristã e aderem à boa nova de Jesus, mas também, mulheres que não se convertem e até dificultam a expansão da Boa Notícia.

Por isso, FRIGERIO (2001) ao apresentar uma lista de mulheres mencionadas no Livro de Atos, diz que: “fazer o levantamento nos faz perceber sua presença. São estas mulheres mencionadas que nos convidam a fazer memória daquelas que foram silenciadas ou tornadas

³⁰ COMBLIN, José. Atos dos Apostolos. Vol. II. Petrópolis: 1988. Editora Vozes, p. 81.

³¹ SOBERAL. Op. Cit., p. 117-118.

³² SOBERAL. Op. Cit., p. 144.

invisíveis, pois o mundo patriarcal e sua mentalidade penetrou nas primeiras comunidades. Os escritores da história da igreja não escaparam desta influência, assim, desde seus primeiros passos, a caminhada é marcadamente patrilinear”.³³

Eis aqui uma listagem de mulheres mencionadas no Livro dos Atos:

- 1,14 Maria, a mãe de Jesus e outras mulheres participam desde o início da vida da Igreja.
- 5,1-11 História de Safira e Ananias na comunidade de Jerusalém.
- 5,14 Conversão de homens e mulheres no crescimento da Comunidade.
- 6,1-6 As viúvas helenistas são prejudicadas na diaconia diária.
- 8,3 Notícia de homens e mulheres perseguidos por Saulo.
- 8,12 Mais uma vez se fala da conversão de homens e mulheres.
- 8,27 Menção de Candace, rainha da Etiópia.
- 9,2 Paulo planeja levar presos homens e mulheres cristãos em Damasco.
- 9,36ss História da discípula Tabita.
- 12,12ss Maria, mãe de João, em sua casa se reúne a comunidade; mencionada Rode a escrava.
- 13,50 Mulheres nobres tementes a Deus, instigadas contra Paulo e Barnabé.
- 16,1 Mulher crente e judia, mãe de Timóteo.
- 16,11-15.40 História de Lídia.
- 16,16ss História da escrava com dons de adivinhação.
- 17,4 Notícia de mulheres importantes em Tessalônica que aderem à fé cristã.
- 17,12 Na Beréia, outras mulheres aderem à comunidade.
- 17,34 A filósofa Damaris se converte à fé cristã.
- 18,1ss Priscila, trabalhadora e missionária.
- 21,5s Crianças, mulheres e homens em Tiro se despedem fora da cidade, de Paulo e Silas.
- 21,9 Notícia das quatro filhas de Filipe que profetizam em Cesaréia.
- 22,4 Paulo faz a memória dos homens e mulheres que perseguira.
- 23,16 Notícia de que Paulo tinha uma irmã.
- 24,24 Drusila, mulher do procurador Felix.
- 25,13.23; 26,30 Berenice, mulher do rei Agripa.

Olhando este panorama de mulheres, percebe-se como é marcante a presença feminina, mesmo assim, os relatos bíblicos silenciam ou obscurecem esta realidade. Como já foi

³³ FRIGERIO, Tea. A Palavra a caminho. Estudos dos Atos dos Apóstolos. Subsídio nº 9. Belém: IPAR, 2001, p.3.

mencionado, em certos episódios a mulher vem colocada em segundo plano, ou apenas para evidenciar a figura de um homem. Este foi também, o caso de Lídia, assim como de tantas outras mulheres. Essa realidade leva a crer que muitos dos problemas que enfrentamos hoje têm sua origem naquela época, isto é, quando a igreja estava se estruturando.³⁴

Mesmo assim, é possível observar o protagonismo de inúmeras mulheres na evangelização das comunidades primitivas. Isso, também vem caracterizado pela maneira de Jesus se relacionar com as mulheres de seu tempo, bem sabendo que muitas palavras e atitudes de Jesus não foram escritas.

No próximo capítulo será apresentado de maneira mais específica o ministério de Lídia na Igreja de Filipos, que nasce à margem da sinagoga e possivelmente sob a sua liderança.

³⁴ OKADA, Kátia Maria. A mulher no ministério ordenado da Igreja. REVISTA MANDRAGORA, ANO 2, n.2 – 1995, p. 49

3. CAPÍTULO II - LÍDIA NA VIAGEM MISSIONÁRIA COM PAULO: UMA HIPÓTESE.

3.1. A PERÍCOPE: ATOS 16,10-17

¹⁰ ὥς δὲ τὸ ὄραμα εἶδεν, εὐθέως ἐζητήσαμεν ἐξελθεῖν εἰς Μακεδονίαν συμβιβάζοντες ὅτι προσκέκληται ἡμᾶς ὁ θεὸς εὐαγγελίσασθαι αὐτούς. ¹¹ Ἀναχθέντες δὲ ἀπὸ Τρωάδος εὐθυδρομήσαμεν εἰς Σαμοθράκην, τῇ δὲ ἐπιούσῃ εἰς Νέαν Πόλιν ¹² καὶ ἐκεῖθεν εἰς Φιλίππους, ἥτις ἐστὶν πρώτη[ς] μερίδος τῆς Μακεδονίας πόλις, κολωνία. ἤμεν δὲ ἐν ταύτῃ τῇ πόλει διατρίβοντες ἡμέρας τινάς. ¹³ τῇ τε ἡμέρᾳ τῶν σαββάτων ἐξήλθομεν ἔξω τῆς πύλης παρὰ ποταμὸν οὗ ἐνομιζομεν προσευχὴν εἶναι, καὶ καθίσαντες ἐλαλοῦμεν ταῖς συνελθούσαις γυναῖξιν. ¹⁴ καὶ τις γυνὴ ὀνόματι Λυδία, πορφυρόπωλις πόλεως Θυατείρων σεβομένη τὸν θεόν, ἤκουεν, ἥς ὁ κύριος διήνοιξεν τὴν καρδίαν προσέχειν τοῖς λαλουμένοις ὑπὸ τοῦ Παύλου. ¹⁵ ὥς δὲ ἐβαπτίσθη καὶ ὁ οἶκος αὐτῆς, παρεκάλεισεν λέγουσα, Εἰ κεκρίκατέ με πιστὴν τῷ κυρίῳ εἶναι, εἰσελθόντες εἰς τὸν οἶκόν μου μένετε· καὶ παρεβιάσατο ἡμᾶς. ¹⁶ Ἐγένετο δὲ πορευομένων ἡμῶν εἰς τὴν προσευχὴν παιδίσκην τινὰ ἔχουσαν πνεῦμα πύθωνα ὑπαντῆσαι ἡμῖν, ἥτις ἐργασίαν πολλὴν παρεῖχεν τοῖς κυρίοις αὐτῆς μαντευομένη. ¹⁷ αὕτη κατακολουθοῦσα τῷ Παύλῳ καὶ ἡμῖν ἔκραζεν λέγουσα, Οὗτοι οἱ ἄνθρωποι δοῦλοι τοῦ θεοῦ τοῦ ὑψίστου εἰσὶν, οἵτινες καταγγέλλουσιν ὑμῖν ὁδὸν σωτηρίας.³⁵

Tradução:

10 E assim que teve a visão, imediatamente procuramos sair para a Macedônia concluindo que Deus tinha nos chamado para lhes evangelizar.

11 E tendo navegado de Trôade, fomos diretamente para Samotrácia, e no dia seguinte para

³⁵ O Novo Testamento Grego (TNG). Quarta Edição Revisada. ALAND, Barbara et al. (Ed.). Stuttgart/Baueri: Deutsche Bibelgesellschaft/Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.401 – 402.

Neápolis

12 e dali para Filipos, que é o primeiro distrito da Macedônia e uma cidade colônia romana. Nesta cidade permanecemos alguns dias.

13 No sábado saímos fora do portão junto ao rio, onde encontramos um lugar de oração, e assentando-nos falávamos às mulheres reunidas.

14 Certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, que adorava a Deus, nos escutava, e o Senhor lhe abriu o coração para escutar às coisas faladas por Paulo.

15 Depois que ela foi batizada juntamente com os de sua casa, nos pediu dizendo: Se julgastes que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai; e nos constrangeu a isso.

16 Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração veio ao nosso encontro uma certa escrava que tinha espírito adivinhador, ela dava grande lucro aos seus senhores com suas advinhações.

17 Ela seguia Paulo e a nós, e clamava dizendo: Estes homens são servos de Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho.

3.2. ESTRUTURA DO TEXTO

Sem excluir que a divisão mais comum desta perícope seja dos vv. 11 a 15, para esta análise foi delimitada entre os vv. 10 a 17 por considerar que a sequência do “nós” identifica o início e o fim desta narrativa.

O texto apresenta verbos que indicam movimento, como partir, anunciar, embarcar, rumar, chegar e etc. Analisando a sua estrutura foi observada a forma de um quiasma, como será apresentado a seguir.

Num primeiro momento foram analisados os verbos utilizados para as ações de Paulo e seu companheiro e a seguir os verbos que indicam as ações de Lídia e as mulheres.

a) Verbos usados para Paulo e seus companheiros:

A: 10 - Partir e anunciar

B: 11 - embarcado – rumamos - chegamos

C: 12 - Fomos e ficamos

D: 13 - Transpusemos – assentamos – falamos

D1: 14 -

C1: 15 – Convidou-nos

B1: 16 – íamos

A1: 17 – perseguia-nos

b) Os verbos que aparecem para Lúdia e as mulheres são:

A: 10

B: 11

C: 12

D: 13 – estavam reunidas

D1: 14 – adorava – servia – ouvia – era atenta

C1: 15 – recebeu – convidou – creu - forçou

B2: 16 – íamos

A1: 17a – perseguia-nos

Como citado anteriormente, vários autores apresentam os vv. 11–15 como a chamada seção do “nós”, onde é feito um relato muito brevemente da chegada a Filipos. Provavelmente estes relatos tem suas origens nas notas de viagem do(as) companheiro(as) de Paulo, e a descrição da viagem é apresentada de maneira muito breve. Isso poderia indicar alguma intenção do autor, pois em outro texto o percurso da viagem era maior. Confirma:

“Em 20,6 Paulo fará a mesma viagem em sentido oposto e levará 5 dias para atravessar o mar. Neápolis estava junto da via Egnatia que tomaram os viajantes para alcançar Filipos depois de 15 km.”³⁶

Analisando a perícópe:

No v.12 vem mencionada a cidade de Filipos, onde “encontramos mulheres que

desempenham papel de liderança”. Na carta aos Filipenses são citados quatro nomes, dos quais, “dois são de mulheres que, segundo Paulo, trabalham arduamente a seu lado na proclamação do evangelho” (Fil 4,3).³⁷

O v. 13 relata o episódio do dia de sábado quando os missionários procuram um lugar de oração e lá encontram apenas algumas mulheres. Para Comblin “este lugar de oração não parece ter sido uma sinagoga, mas provavelmente um lugar aberto”.³⁸ Embora essa afirmação pareça convencer seus leitores, permanecem algumas questões que precisam ser analisadas.

O próprio texto apresenta particulares que levam a certas interrogações, como: Por que os missionários vão neste local se ali se reuniam apenas mulheres? Esta comunidade teria, também, a liderança de mulheres? Trata-se de uma casa-sinagoga? Quem dirigia a oração?

Logo a seguir, no v.14 vem o relato sobre Lídia. Por que o autor deu importância ao episódio de Lídia. Comblin diz que “não é estranho que seja uma prosélita (adoradora de Deus)”. Porque para Lucas os convertidos são geralmente prosélitos. Outra característica deste autor é dar somente o nome de pessoas de alta condição. Isso deixa entender que Lídia poderia ser uma liderança da comunidade. Porém, isso não quer dizer que necessariamente ela seja muito rica.

No v.15 o autor ressalta que depois que recebeu o batismo, ela e sua casa, os convida nesses termos: “visto julgardes que eu creio no Senhor, vinde hospedar-vos na minha casa. E ela nos forçou a aceitar”. A afirmação apresenta uma certa novidade, pois uma mulher toma a decisão, ou melhor, ela os força a aceitar. Esta atitude era “contra a linha de conduta ordinária de Paulo (At 20,33-35; 1Ts 2,9; 2Ts 3,8; 1Cor 9)”.³⁹

Segundo Ivone Reimer, “esta afirmação do texto é um detalhe importante.” Confirma:

“Na exegese, contudo, percebo sempre um certo desdém em relação a essa atitude de Lídia. Muito precipitadamente procura-se esclarecer esta ação dela como sendo uma atitude de mulher rica que não suporta a ideia de alguém poder negar sua hospitalidade. Será que só existe esse caminho de interpretação, que nada mais é do que especulativo?”⁴⁰

³⁷ CARVALHO, Heloisa S. de; NAKANOSE, Shigeyuki (Centro Bíblico Verbo). Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses. São Paulo: Paulus, 2009, pp.20.

³⁸ Idem. p. 65.

³⁹ A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 2080.

⁴⁰ REIMER, Ivone Richter. Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja: uma exegese feminista de Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 76.

Aqui vem mencionado o fato do batismo daqueles de sua casa, isto é, toda a família e os servos, assim “como também ocasionalmente pessoas com relacionamento de profissão ou de amizade”. (At 10,7.24)⁴¹ Era costume da época que a família toda fosse de acordo com o chefe da casa. Nesse caso, tudo leva a crer que Lídia ocupava a liderança naquele grupo.

O relator deste episódio, nos v.16-17 começa a apresentar a figura de outra mulher. E embora este fato pareça sem grande importância, o mesmo coloca a mulher em plena ação. Ela faz uma certa profissão de fé e reconhece que “estes homens são servos do Deus altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação”.

Nos relatos os sujeitos são: “nós”, Paulo, as mulheres, Lídia, os de sua casa, a jovem, os patrões. Como já foi mencionado, o autor prioriza a história de duas mulheres: Lídia que adorava a Deus e se converte e a jovem possuída que se liberta. Este elemento não pode ficar despercebido. Por isso, o tema poderia ser aprofundado, destacando o porque desta prioridade.

O texto cita apenas o nome de Lídia e diz que era uma “adoradora de Deus” (At 16,14). E, este termo era usado, normalmente, para pessoas simpatizantes do judaísmo e observantes de suas práticas religiosas. “Lídia acolhe o evangelho, recebe o batismo com os de sua casa e oferece lugar para os missionários se hospedarem em sua própria casa (At 16,15)”.⁴²

Esta perícópe encontra-se na terceira parte do livro dos Atos, onde Lucas apresenta como tema a grande missão de fundação das igrejas tipicamente paulinas. O apóstolo Paulo, em sua viagem missionária parte de Trôade em companhia de Silas e Timóteo. Dirigindo-se rumo à Macedônia, chegam até Filipos (At 16,11-12) e ali acontecerá algo novo na viagem.

O gênero literário do texto poderá nos oferecer elementos de análise que indicarão possíveis hipóteses, como será apresentado a seguir.

⁴¹ BÍBLIA TEB, p. 2121.

⁴² Idem. pp. 18-19.

3.3. O TEXTO E SEU GÊNERO LITERÁRIO

Para Klauss Berger um gênero literário se define por “um agrupamento de textos de acordo com diversas características comuns, isto é, não apenas as de natureza formal”.⁴³ Portanto, este texto apresenta informações sobre viagens, que estão ligadas a relatos básicos, conforme o texto de At 15,40-16,12.⁴⁴

Assim como para Berger, também para Vielhauer trata-se de um relatório ou diário de viagem, como podemos assim observar na descrição de quase todo o Livro dos Atos dos Apóstolos, onde relata as viagens missionárias de Paulo.⁴⁵ Ao final do capítulo 16 vem apresentado Paulo e Silas que “ao saírem da prisão, dirigiram-se à casa de Lúcia e, vendo os irmãos, confortaram-nos. Depois, partiram”.

O relato seguinte apresenta Paulo na sinagoga dos judeus e afirma que: “Alguns dentre eles se converteram e se uniram a Paulo e a Silas, assim como grande multidão de adoradores de Deus e gregos, bem como não poucas das mulheres da sociedade (17,4)”.

A partir deste episódio onde aparece o termo “se uniram” seria possível dizer que outras pessoas, inclusive mulheres, integraram o grupo missionário de Paulo e Silas? Teria Lúcia integrado o grupo de Paulo na missão evangelizadora?

Em diversos textos aparece um crescente interesse em apresentar as mulheres no seguimento de Jesus. Um exemplo disso é a narrativa lucana de Marta e Maria (10,38-42). “Essa tendência pode ser percebida igualmente em muitos outros textos da obra em dois volumes de Lucas nos quais mulheres desempenham um papel importante”.⁴⁶

O texto apresenta Lúcia de maneira puramente receptiva, onde ela “pode perfeitamente

⁴³ BERGER, Klaus. As Formas Literárias do Novo Testamento. Tradução. São Paulo: Loyola. 1998, p. 294.

⁴⁴ Idem. p. 14.

⁴⁵ VIELHAUER, Philipp. História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos. Tradução Ilson Kayser. Santo André: Editora Academia Cristã Ltda, 2005, p. 417.

⁴⁶ STEGEMANN, Ekkehard e Wolfgang. História social do protocristianismo: Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. Editora Sinodal e Paulus, 2004, p. 448.

ser designada como líder de uma comunidade doméstica, oferecer os seus serviços como anfitriã, mas não é retratada em alguma função de 'de ensino' ou 'de direção'.⁴⁷

Com muita frequência encontramos a história de Lídia, apresentando-a como uma mulher viúva e rica. E muitas vezes se justifica a sua hospitalidade, por causa dessa situação social. Mas, afinal quem é Lídia? Qual é o seu lugar social? Sobre este tema será apresentado nos itens a seguir.

3.4. O LUGAR SOCIAL DE LÍDIA.

Em Atos 16,11-15, nos deparamos com Lídia, uma mulher singular. Das muitas mulheres citadas no Livro dos Atos dos Apóstolos, ela é uma das poucas que fala e como Tabita encontra-se com outras mulheres, “reunidas num dia de sábado para celebrar o culto”. É a única mulher temente a Deus de quem se conhece o nome.

Sobre o trabalho de Lídia, muitas questões foram levantadas. O termo técnico “porfirópolis” usado para caracterizar a profissão e o trabalho de Lídia, não é usado exclusivamente para ela. Entretanto, no Segundo Testamento o termo aparece somente aqui. Mas era usado em outros documentos e inscrições.

A cor púrpura era obtida tanto da extração animal quanto vegetal. A primeira matéria-prima da cor púrpura era extraída de caramujos, encontrados em algumas regiões marítimas. Esse tecido era muito precioso e, portanto muito caro. A segunda maneira de extrair era obtida de alguns vegetais, e ficava mais barata, por isso era muito procurada. Este trabalho era sujo e pesado, exercido pela plebe, isto é por pessoas libertas.⁴⁸

Muitos autores, assim como a Frigerio apresentam a possibilidade do nome de Lídia ter sua origem numa região da Ásia Menor, chamada Lídia, onde muitos a conheciam por suas famosas tinturas. Muitas hipóteses poderão ser levantadas quanto às pessoas que exerciam esta profissão, por isso, Lídia teria sido uma destas pessoas escravas que conseguiram a

⁴⁷ Idem. pp. 447-448.

⁴⁸ FRIGERIO, Tea. Carta aos Filipenses: O sonho de Deus: uma casa acolhedora. (Centro de Estudos Bíblicos): São Leopoldo, 2009, p.10.

liberdade e em seguida se organizaram em “associações”.⁴⁹

Olhando por trás das palavras é possível ver que naquele contexto a mulher exercia um papel de liderança. E, portanto, Lídia poderia ter assumido a liderança daquela comunidade. Um dos elementos que revelam este fato está na própria perícopa: *“Ela foi batizada juntamente com os de sua casa, nos pediu dizendo: Se julgastes que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai; e nos constrangeu a isso”*. (At 16,15).

Outro fator importante nesta pesquisa é o lugar de destaque que Filipos ocupou na missão de Paulo. Por isso, a seguir serão apresentados alguns dados da cidade de Filipos, como sua origem e localização; sua população e religião. Sobre a comunidade de Filipos Paulo faz importantes elogios.

a) Origem da cidade de Filipos:

Era em torno do ano 360 a.C. que Filipe, pai de Alexandre Magno conquistou a cidade de Krenides e deu a ela um novo nome em sua própria homenagem: Filipos. No ano de 160 ela é conquistada pelos romanos, porém ela não tinha muita importância. É no ano 42 a.C. que Filipos entra para a história, quando Antonio e Otávio, numa batalha, vingam a morte de César e vencem como defensores da então Republica Romana.

Anos depois, em 31 a.C., Otávio e Antonio se desentendem e entram em disputa. Otávio sairá vencedor e, como forma de compensar seus aliados, eleva Filipos à dignidade de *Colônia Julia Augusta Philippensis*. Ele instala na cidade veteranos das legiões romanas e, também agricultores da Itália, dando-lhes grandes extensões de terra. Confirma:

“Depois da batalha de Actium (31 aC), o vencedor Otávio obrigou um certo número de partidários de Antonio a estabelecer-se em Filipos deixando suas posses na Itália nas mãos dos soldados vencedores. Como colônia militar romana, a cidade estava sob o direito romano e gozava das vantagens, das cidades italianas, autonomia administrativa e isenção de impostos”.⁵⁰

b) Localização e população:

⁴⁹ Idem. p. 10.
⁵⁰ COMBLIN. Op. Cit., p. 65.

Filipos tem uma localização geográfica privilegiada e conta com terras férteis. Tudo isso, contribuiu para seu crescimento, seja na agricultura, como na criação de animais de pequeno porte e na exploração de madeiras para exportação.

Sua população era formada em média por 35% de romanos, mas nela haviam, também, muitos gregos, sírios, macedônios e descendentes dos trácios e fenícios. Seus habitantes eram orgulhosos de desfrutarem dos privilégios oferecidos pelos romanos.

Para Orofino a presença de Lídia em Filipos se explica pela migração de algumas populações de origem grega que migraram por motivos comerciais. Nesta obra o autor diz que: “situada entre montanhas, Filipos foi durante certo tempo importante centro de produção de ouro e prata” que eram extraídos da montanha de Pangeon, situada perto da cidade. “No começo do primeiro século da Era Cristã tais minas já estavam esgotadas. Mas a importância comercial de Filipos é mostrada através da presença de gente como Lídia (At 16,14: “vendedora de púrpura da cidade de Tiatira”).⁵¹

Outro fator importante na sua localização é a proximidade com a Via Egnátia, favorecendo a rota comercial, com a ligação entre o oriente e o ocidente. Esta grande circulação de povos com diferentes origens culturais, fazem de Filipos uma cidade de forte diversidade religiosa.⁵²

Filipos ocupou um lugar de destaque na missão de Paulo. Pela qual, ele mostra muito afeto em seus escritos, conforme encontramos na Carta aos Filipenses. Isso, porém não encontramos na narração de Lucas – em Atos.

c) A religião em Filipos:

Com uma grande diversidade cultural a cidade de Filipos terá a prática de vários ritos como: da fertilidade, dedicados à deusa Bendis; Marte é venerado como deus da agricultura e da guerra, Silvano, um deus italiano dos campos e florestas. Há também divindades vindas do oriente, como Isis, que é a principal protetora da cidade, além de tantas outras. “O Deus

⁵¹ OROFINO, Francisco. Filipos. “Colonia Augustus Iulia Victrix Philippensium”. (Estudos Bíblicos – 102). Petropolis: Editora Vozes, 2009, p. 16.

⁵² FRIGERIO. 2009. Op. Cit., p.8.

Altissimo' mencionado em At 16,17 parece estar relacionado a Sabázio, identificado como Javé no judaísmo helenizado”.⁵³

A partir desta diversidade religiosa, provavelmente será proporcionado uma riqueza de dons do Espírito e algo novo vai surgir no chão de Filipos: ela será uma comunidade cristã viva e sensível, contribuindo de maneira dinâmica para a expansão da Boa Nova de Jesus. Um exemplo, encontramos em Fl 4,10-20. Paulo, que não costumava aceitar ofertas, agradece o donativo recebido da comunidade de Filipos.⁵⁴

3.5. LÍDIA: LIDERANÇA E SOLIDARIEDADE NA MISSÃO.

Muitas situações nos desafiam e nos convidam para rever a situação da mulher hoje. E, como podemos constatar, em todos os períodos históricos o povo sempre clamou por sua liberdade e lutou por ela, para as mulheres, a história não é diferente. Nestas últimas décadas, muitas mulheres constroem uma história de resistência e luta em defesa da vida.

Segundo Ivone Gebara, “muitas obras literárias e movimentos sócias nacionais e internacionais reconheceram a importância capital da luta das mulheres nas últimas décadas. Luta para sair da opressão e do anonimato cultural, político, social e econômico. Luta para se tornar sujeitos de direitos a partir de um direito diferente... Direito capaz de considerar uma cidadania plural onde as diferenças são partes integrantes de sua construção”.⁵⁵

A história de Lídia é um convite para refletir sobre estas diferenças e também, repensar certas atitudes comuns na evangelização hoje. A ação missionária, muitas vezes, privilegia os meios mais modernos ou resultados eficientes e, por isso sacrifica valores já presentes nas comunidades. Dentre estes valores, a acolhida na casa é um espaço privilegiado de encontro e partilha da vida. O convite de Lídia nos proporciona uma maior abertura e valorização da vida no seu dia a dia.

⁵³ CARVALHO; NAKANOSE. Op. Cit., pp. 16-18.

⁵⁴ Idem. p. 21.

⁵⁵ AA.VV. Mulheres resistência e luta em defesa da vida. Conceição Paludo (Organizadora). São Leopoldo: CEBI, 2009. Comentário da capa do Livro.

Muitos são os desafios que precisam de uma resposta eficaz para a expansão da Boa Notícia de Jesus. E, apesar dos muitos recursos que poderão ser usados na evangelização, nada substitui uma liderança crítica e capaz de multiplicar gestos de solidariedade que marcam as relações fraternas entre as pessoas. Tal atitude é capaz de alargar os espaços nas tendas que resistem ao mundo capitalista e patriarcal.

Lídia vem apresentada como uma personagem singular e sua presença na comunidade provavelmente contribuiu para um clima de fraternidade e respeito pelas diferenças, dentro de uma sociedade tão plural como era a comunidade de Filipos.

Na carta aos Filipenses, Paulo cita outras pessoas, como Epafrodito, Evódia, Síntique, Sizigo, todos tem nomes de origem grega, indicando que na comunidade haviam vários membros de origem grega. Apenas Clemente era de origem romana. Esta comunidade tem como característica a solidariedade e a generosidade, onde Paulo por diversas vezes pôde contar com sua ajuda (Fl 4,15).

Dentro deste contexto, o foco era Paulo e seus companheiros de missão, mesmo assim, a ação de Lídia não pode ficar despercebida. Apesar de não ser citada na Carta aos Filipenses, ela e outras mulheres se encontram reunidas e em oração. São elas a porta de entrada do Evangelho na Europa. Elas são “mulheres determinadas, autônomas, profissionais competentes e bem sucedidas”. Corriam “atrás do sonho de serem reconhecidas, de viver em igualdade, de reconstruir a circularidade”. Sonho encontrado no coração do Deus dos hebreus.⁵⁶

⁵⁶ FRIGÉRIO. Carta aos Filipenses. Op. Cit., p. 11-12.

4. CAPÍTULO III - A PRESENÇA DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS.

A evangelização das primeiras comunidades normalmente vem apresentada como fruto do trabalho missionário de Paulo e seus companheiros de viagem. Quem são estes companheiros? São apenas homens? Provavelmente não, pois o livro dos Atos mostra um grande número de mulheres protagonistas das comunidades cristãs primitivas.

“Entrem na minha casa”. Segundo Ivone Richeter Reimer, “de acordo com o texto, no entanto, Lídia não faz esse convite-exigência pelo fato de ser rica. Ela o faz como consequência de sua fé: “Assim que foram batizados, ela e os de sua casa, Lídia falou: 'Se vocês julgarem que eu sou fiel ao Senhor, entrem em minha casa e permaneçam nela’”.⁵⁷

Esta atitude poderia, também, ser uma característica das mulheres que ocupavam lideranças naquela comunidade, além da responsabilidade e proteção que deveriam dar aos irmãos judeus e estrangeiros, pois Filipos os olhava com suspeitas, tudo por causa do seu orgulho de ser colônia romana.⁵⁸

⁵⁷

REIMER. Vida de mulheres... Ano 1995. Op. Cit., p. 76.

⁵⁸

FRIGÉRIO. Carta aos Filipenses. Op. Cit., p.11.

4.1. MULHERES EM ORAÇÃO: NA SINAGOGA OU NA CASA?

“Muitas mulheres participam da atividade apostólica de Paulo, Tito, Timóteo, etc. Paulo chega a reivindicar o direito de levar mulheres nas viagens apostólicas (1Cor 9,5). Ele escreve que: “Maria muito fez por nós” (Rm 16,6) e que Trifena e Trifosa e a querida Pérside “muito se afatigaram no Senhor” (Rm 16,12). Exorta Evódia e Síntique a “serem unânimes no Senhor” e as recomenda a Zisigo “porque me ajudaram na luta pelo Evangelho” (Fl 4,2-3).

O apoio das mulheres no trabalho de evangelização não se limitava somente nas atividades domésticas. Elas assumiram ministérios assim como qualquer homem. Em Rm 16,1.7 Febe é chamada de “diaconisa” e Júnica de “apóstola”.⁵⁹

As mulheres não foram apenas “ouvintes” do Evangelho, mas também “praticantes”. Elas acreditaram e testemunharam a respeito de Jesus, formando comunidades a partir deste anúncio e desta fé. “Organizavam comunhão e resistência! E isto que era no princípio continuou sendo e foi se expandindo mundo afora. Temos testemunhos, aqui e acolá, pró e contra, desse movimento (a partir) de mulheres durante todo o século II.”⁶⁰

Nesta mesma obra, Ivone Reimer cita duas frases significativas, e que ao mesmo tempo, evidenciam a “liderança de mulheres em tempos de provações: perseverança e garra”. Confirma:

“Julguei tanto mais necessário extrair a verdade de duas escravas, chamadas diáconas, e isto sob tortura”. (Plínio o Jovem, Cartas X, 96,8).

“Saúdo a casa de Távia, desejando que ela permaneça firme na fé e no amor, tanto carnal quanto espiritual”. (Inácio, Esmirna 13,2).

⁵⁹ ROTEIROS PARA REFLEXÃO VIII. Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. CEBI. São Leopoldo, 1999, p. 75

⁶⁰ REIMER, Ivone Richter. O belo, as Feras e o Novo Tempo. CEBI. Editora Vozes, 2000, p.62.

A autora afirma ainda que: “Essas duas cartas evidenciam conflitos profundos entre comunidades/pessoas cristãs e o sistema da Pax Romana, na época do imperador Trajano... Essas duas cartas igualmente põem às claras o que tantas vezes se encobriu: mulheres não apenas fazem parte, mas são lideranças reconhecidas e respeitadas em comunidades.”

Segundo Plínio o Jovem, no início do século II as mulheres ainda assumiam lideranças comunitárias. Ele menciona duas diáconas (= diáconoi) escravas na província de Bitínia. E, em Rm 16,1 Paulo também fala da diácona Febe. Esta fonte extra bíblica de Plínio, nos leva a compreender que no Segundo Testamento o termo diáconoi se refere seja ao homem, assim como a uma mulher.

“Além disto, para uma análise sócio-histórica do cristianismo primitivo, a passagem de Plínio o Jovem é muito elucidativa: as duas diáconas, das quais infelizmente não sabemos o nome, são escravas. Encontram-se no último escalão social. Na igreja, porém, são lideranças que participam tanto da autoridade quanto do serviço comunitário.”⁶¹

No entanto, Tertuliano mais tarde, por volta do ano 200, escreve e contesta “acerca de mulheres que pregam e celebram nas comunidades”. Isto significa que naquela época “havia um movimento de mulheres cristãs atuando publicamente em comunidades, ou querendo fazê-lo”. Nesta prática elas se reportam a Tecla, que acompanhava Paulo na pregação da Palavra.

Estas mulheres não têm apenas Tecla como exemplo, mas também, a outras profetisas como Ninfa, Fila, Amnia, Teonoe, Eubula, Artemila, Mirta... além das palavras de Paulo e de Jesus quando envia Maria Madalena. “Tais mulheres eram reconhecidas e respeitadas não apenas pelas comunidades nas quais atuavam, mas também pelo próprio Paulo”. Isso vem citado no relato de sua viagem de Filipos a Corinto, quando está indo em direção à Roma. A comunidade ficou triste e preocupada. Confirma:

“O Espírito veio sobre Mirta, de modo que ela dissesse: 'Irmãos e irmãs, por que estais assustadas/assustados? Paulo, o servo do Senhor, salvará muitas pessoas em Roma e as alimentará com a Palavra... de sorte que em Roma haverá grandes sinais da graça (de Deus).' E logo

⁶¹ Idem. pp. 63-64.

que o Espírito se acalmou em Mirta, cada qual tomou o pão e regalaram-se conforme o costume, cantando salmos de Davi e cânticos. E também Paulo alegrou-se.”⁶²

São inúmeros os exemplos de mulheres, que no final do século II, participavam da multiplicidade dos dons. Eram mulheres do povo e também de boa condição socioeconômica.

Em At 16,13-15, pelo destaque que se dá a Lídia, pode-se dizer que ela era uma liderança naquele grupo de mulheres. Por isso, provavelmente refere-se ao grupo chamando-o de “minha casa”.

A partir desta reflexão é possível entender porque o autor do texto fala nestes termos: “no sábado saímos fora do portão junto ao rio, onde pensávamos haver um lugar de oração, e assentando-nos falávamos às mulheres reunidas”.

Em muitas cidades haviam construções chamadas de προσευχήν (= prédio sinagoga) geralmente construída na beira do rio. “Isso não só por causa das abluções cômico - rituais, mas também porque as religiões não-romanas, que pudessem criar atritos com costumes romanos, eram obrigadas a construir seus templos fora do perímetro urbano”.⁶³

Paulo e Silas encontram na proseuché (προσευχήν) mulheres adeptas da religião judaica. Muitos exegetas reconhecem que proseuché é uma construção sinagoga. Entretanto, “com exceção de um exegeta, ninguém diz claramente porque não aceita ser aquele lugar, onde as mulheres se reuniam, uma construção sinagoga”.⁶⁴

A Reimer, diz ainda que apesar de alguns exegetas cristãos criticarem a teologia rabínica, justificam-se numa tendência, afirmando que para a realização do culto sabático são necessárias no mínimo 10 pessoas, que é o Minjan. A maioria dos exegetas acredita que sejam 10 homens. Porém, “outras regras rabínicas afirmam que também menores de idade e mulheres possam participar do Minjan”.

Como já mencionamos, no judaísmo há dois tipos de oração: as públicas e as particulares,

⁶² Idem. p. 65

⁶³

REIMER, Ivone. Vida de mulheres ... 1995. Op. Cit., p. 70.

⁶⁴

Idem. pp. 70 – 71.

isso, mesmo dentro de uma liturgia de sinagoga.

Para as orações públicas, exige-se a presença de um minjan. O minjan como já foi citado, é um quórum de 10 judeus homens bar mitsvá (13 anos) ou acima. O termo minjan vem do hebraico maneh (contar). Antigamente, o quórum mínimo era chamado de Assará (literalmente, 10) e poderia ser obtido com a presença de 10 homens ou mulheres israelitas adultas.

A origem do conceito é simples. A Torá fala em convocação, e diz ainda que YHWH seria santificado em meio a uma congregação: “Seis dias trabalho se fará, mas o sétimo dia será o sábado do descanso, santa convocação”. (Vayicrá/Levítico 23,3) “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Santos sereis, porque Eu, YHWH vosso Elohim, sou santo.” (Vayicrá/Levítico 19,2)

Mas, exatamente quantas pessoas formam uma congregação? Encontramos um indício na passagem abaixo: “Avraham replicou: “Que YHWH não se irrite se falo ainda uma última vez! Que será, se lá forem achados dez?” E Eloim respondeu: “Não a destruirei por causa desses dez”.

Vemos, portanto, que 10 é o número mínimo que foi considerado por YHWH para a existência de uma “congregação de justos” em um local.

Nossa pesquisa acolhe a reflexão de Ivone Reimer que na obra citada, apresenta a seguinte questão: “Por que não levar a sério o testemunho de At 16,13 e resgatá-lo como ponto de referência também para a existência de grupos de mulheres, no judaísmo, que praticavam sua religião e louvavam a Javé, independentemente de homens?”.⁶⁵

Nesta perspectiva se poderia dizer que At 16,13 oferece a possibilidade de compreender as mulheres cristãs que nos precederam na fé e também, contribuir com as mulheres judias na reconstrução de sua própria história.

Segundo Soberal, “a igreja de Filipos nasce à margem da sinagoga. Ali a sinagoga não existe. Os judeus são uma minoria, Lídia realiza o ministério... A igreja de Filipos nasce sob a presidência de Lídia, uma mulher estrangeira e que não era judia. Paulo reconhece que a

igreja de Filipos foi a mais generosa com ele: '... nenhuma igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente' (Fl 4, 15).”⁶⁶

Embora alguns autores neguem que mulheres possam se reunir numa *proseuché*, o texto usa este mesmo termo e ali se encontram apenas mulheres.

Tal relato aponta para o protagonismo das mulheres na organização da vida comunitária. Por isso, é possível questionar-se sobre: qual o papel das mulheres na evangelização, tomando como ponto de partida a figura de Lídia?

4.2. O PAPEL DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DA FIGURA DE LÍDIA.

Conforme foi apresentado anteriormente, Lídia é uma mulher de destaque na obra lucana. Ela é uma das três mulheres que falam no livro de Atos. “A fala destas três mulheres, portanto, concentram-se no capítulo 16, e tem relevância não apenas histórica, mas também teológica”. A partir de Lídia e de tantas mulheres presentes nas comunidades da época do Segundo Testamento, é possível perceber o papel das mulheres na evangelização.

Diante desta constatação, é pertinente a seguinte pergunta: Por que apesar do protagonismo das mulheres nas primeiras comunidades cristãs, patentes nas Escrituras, seu status e papel foram relegados ao segundo plano?

Lídia aparece juntamente com outras mulheres que estão reunidas num dia de sábado, na sinagoga para celebrar o culto sabático. E, assim como Priscila, ela também se distingue por sua profissão, que faz menção de sua origem.

Lídia é a única mulher, dentre as inúmeras tementes a Deus, que aparecem em Atos, a ser

chamada pelo nome; adoradora do Deus dos judeus acolheu a boa notícia de Jesus, se converteu com sua casa, e a seguir, convenceu Paulo a ser seu hospede. Segundo este relato, foi à primeira pessoa com quem Paulo se relacionou na Macedônia. Portanto, sua casa foi o espaço onde nasceu a primeira comunidade cristã na Europa.

Esses detalhes realçam sua importância na história da missão. No entanto, assim como a história de Tabita, aquela de Lídia, também, é minimizada e reduzida pela exegese a um “prelúdio” da história da conversão de um homem, no caso, a do carcereiro de Filipos (At 16,25ss).⁶⁷

No capítulo primeiro desta pesquisa foi abordada a situação da mulher no contexto do Segundo Testamento – ou melhor, das primeiras comunidades cristãs. Isso nos mostrou como a sociedade judaica era fortemente marcada pelo patriarcado romano. No entanto, apesar de toda exclusão, aparece mesmo se de maneira fragmentada, certos aspectos em que a mulher tinha seu papel definido. E mesmo diante de tal dominação, as mulheres se tornam discípulas e são acolhidas por Jesus. Confirma:

“Um exemplo evidente da audácia de Jesus em relação ao que eram as regras sociais da época: se o fato de um homem conversar com uma mulher estranha era malvisto, pior ainda em se tratando de uma mulher samaritana, povo desprezado pelos judeus.”⁶⁸

4.3. A PARTICIPAÇÃO DE LÍDIA NA EVANGELIZAÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES.

Não temos informações sobre o final da história de Lídia, mas sabemos que ela “faz parte da história universal de resistência e organização das mulheres. Ela serve de testemunho para a historiografia feminista judaica e cristã. Não devemos deixá-la cair no esquecimento. Tampouco devemos tornar Lídia em heroína afastada de seu contexto e das estruturas de dominação dentro das quais ela vivia”.⁶⁹

⁶⁷ Idem. Op. Cit., p. 69.

⁶⁸ LADISLAO. Op. Cit., p. 68.

⁶⁹ REIMER, Ivone. O Belo, as Feras ... op. Cit. p. 53

Através de Lídia é possível resgatar o potencial das mulheres na evangelização. E possivelmente, diante de tal empoderamento muitas mulheres conquistaram uma maior confiança em si mesmas e, portanto, contribuíram em diferentes processos de libertação na sociedade e nas igrejas.

Para Tânia Sampaio “a concepção das relações sociais de gênero apresenta-se como um novo paradigma, capaz de não simplesmente visibilizar mulheres e /ou grupos oprimidos, mas iluminar as descobertas sobre a estruturação das opressões e os jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais”.⁷⁰ Confirma:

“Uma leitura bíblica feminista libertadora que utiliza a categoria de gênero pergunta, necessariamente, pela construção e dinâmica das relações de poder. Isso implica também que estará analisando a realidade e os textos na inter-relação de gênero, classe, raça/etnia, observando inclusive as experiências e os conflitos entre as gerações. Perceber o rosto e a história de personagens e sujeitos históricos não é apenas um desafio, mas uma necessidade, porque lemos os textos bíblicos a partir de nossa vida, de nossos clamores e anseios por tempos de graça e paz mediante a justiça.”⁷¹

Outros autores, como Ivone Richter Reimer afirmam que: “Uma leitura bíblica, que trabalha com a categoria de gênero, observa alguns elementos no texto que ajudam a entender a realidade das relações sociais que estão tecidas na vida do texto e na vida que o texto reflete. Um desses elementos é o símbolo. Eles fazem parte da cultura de muitos povos, e manifestam experiências pessoais e sociais profundas. Através deles é possível conhecer as relações de poder na organização sociocultural.”⁷² Tal reflexão é um convite para analisar os textos bíblicos a partir desta chave simbólica. Nesta perícopia se poderia fazer a seguinte abordagem: quais os símbolos que aparecem no texto? Que imagens de “feminino e “masculino” os símbolos produzem ou reproduzem?

4.3.1. O gênero como novo paradigma e categoria de análise.

⁷⁰ SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. CONSIDERAÇÕES PARA UMA HERMENEUTICA DE GÊNERO DO TEXTO BÍBLICO. Em: http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/ribla/37_2.php. Acessado em 21/06/2011.

⁷¹ Idem.

⁷² REIMER, Ivone. Grava-me como selo sobre teu coração. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 28-29

Para alguns autores a mediação de gênero passa a ser uma categoria de análise da realidade e também de textos, inclusive os textos bíblicos. Tal realidade é possível observar no cotidiano das relações sociais de poder vividas entre mulheres e homens.

A partir desta visão, observa-se que tal concepção se apresenta como um novo paradigma, capaz de visibilizar diferentes situações. Neste caso, não apenas de mulheres e/ou grupos oprimidos, mas poderá levar a descobrir estruturas de opressão e jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais.⁷³ Faz-se necessário esclarecer o termo:⁷⁴

a) O significado de Gênero: para falar de gênero é necessário recorrer à história desta palavra. Pois, as palavras fazem história. A palavra **gênero – gender** está ligada à história do movimento feminista:

- Séc. XIX – ao redor dos anos 1890 Elisabeth Cady Stanton apresenta ao público a primeira tradução da Bíblia da Mulher. O seu movimento está ligado ao Movimento sufragista que pedia a liberdade de voto para as mulheres.
- No ano de 1960 ao redor das preocupações sociais num quadro teórico nasce o conceito de gênero.
- Em 1968 há um marco ligado à contestação ou à chamada revolução cultural: começam os estudos sobre a mulher.

Nos estudos sobre a mulher podemos identificar três níveis:

- categoria descritiva: é importante, mas ainda não suficiente, pois se limita a descrever a realidade da mulher.
- categoria analítica: vai mais fundo, pois se interroga sobre o porquê dos fatos. As mulheres são uma categoria social? As mulheres de diferentes categorias sociais têm os mesmos interesses? Como as relações de gênero podem explicar as relações entre etnias, raças, classes?
- ferramenta política e instrumental de luta: é a meta a ser alcançada.

Nesta perspectiva é possível dizer que a mulher rompe o silêncio. A categoria de gênero

⁷³ SAMPAIO. Op. Cit.

⁷⁴ Anotações pessoais a partir do Curso sobre Gênero ministrado por Tea Frigerio, 2010.

torna visível àquela que era ocultada, rompe os muros do espaço doméstico. A mulher entra no mundo do trabalho.

E, dentro deste processo, pode-se analisar dois fatos importantes: a) na primeira guerra mundial quando os homens foram para guerra, às mulheres passaram a ocupar os espaços do trabalho fora do doméstico para manter a produção industrial e para prover à família. Quando a guerra terminou e os homens voltaram, as mulheres tiveram que voltar no interior da casa; b) na segunda guerra mundial aconteceu o mesmo, mas as mulheres não voltaram mais para o interior da casa, ficaram no mundo do trabalho.

Ao permanecer no mundo do trabalho a mulher passou a assumir os dois espaços: o trabalho remunerado e o trabalho doméstico.

Observa-se também outros elementos significativos, isto é, no mundo do trabalho em geral a mulher é dirigida por homens, é secundária, serve de apoio, e quando ocupa espaços masculinos, para ser aceita deve assumir os moldes masculinos e em geral seu salário é inferior ao percebido pelos homens. Pode-se dizer que o gênero surge para superar o determinismo do sexo.

Diante desta reflexão surge a necessidade de se chegar a uma definição. Afinal o que é gênero? “Gênero é uma forma de análise das relações pessoais. É um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, forma primeira de significar as relações de poder. Categoria que ajuda a perceber que”:

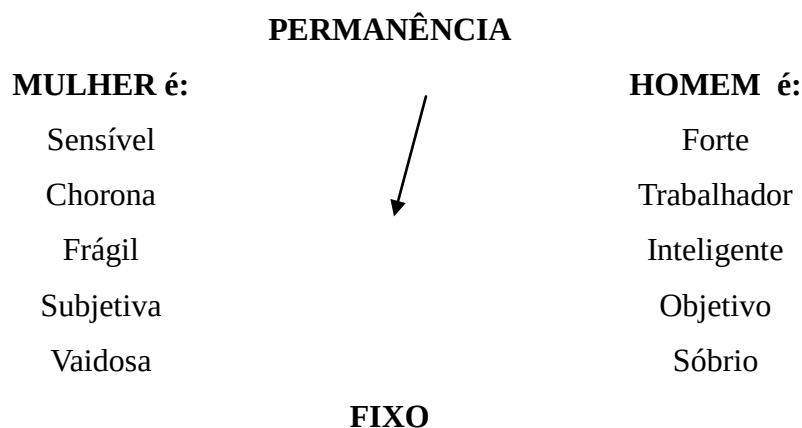
- Sexo é biológico, nascemos com ele, é natural, portanto imutável;
- Gênero é construção social, não nascemos com ele. É social, portanto construído e pode ser transformado. Gender, da língua saxã nasce justamente para diferenciar gênero do sexo. No gênero a prática social se dirige aos corpos. Simone de Beauvoir disse: “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, mas que mulher?

A análise crítica e transformadora das relações está de fato na política de transformação. A crítica se dá quando se sai do naturalismo e se entra na desconstrução. Sem isso é impossível fazer crítica em relação de gênero. Observa-se tal diferença neste quadro a baixo:

SEXO	GÊNERO
È biológico	É uma construção social
Nascemos com ele	Não nascemos com ele
É natural	(aprendemos através da socialização)
Portanto	Portanto
Não pode ser mudado	É social
Exemplo	Exemplo
Apenas as mulheres podem dar à luz.	Mulheres e homens podem trabalhar como
Somente os homens podem fecundar.	profesoras/es, engenheiros/os.
	Ambos podem cuidar das crianças, dos doentes e dos idosos.
	Ambos podem realizar serviços domésticos.

Estamos a todo o momento sendo construídos/as com possibilidades de errância. Ninguém é. A mulher ou o homem está. Todos e todas passam pelo funil da vida, às vezes vem com uma morte repentina, uma doença inexplicada, que nos dá ou o cheiro de fé ou de desespero. Desespero principalmente para quem não acredita no transcendente, achando que tudo se explica cientificamente.

Eis como é caracterizada a figura da mulher e do homem:



b) O que constrói e mantém as relações de gênero?

As relações de gênero são relações de poder que se constroem e se mantêm através de quatro elementos inter-relacionados:

- **Os símbolos culturais:** existe uma visão simbólica do que é homem e o que é mulher. Isto é, luz/escuridão, santo/profano, forte/frágil, objetividade/subjetividade, razão/intuição.
- **As normas:** estabelecem o que um homem e uma mulher devem e podem ser jurídica e socialmente. Acesso à propriedade, direito ao trabalho, direitos sócias, civis, etc.
- **As instituições:** que garantem a coerção social suficiente para que as normas sejam cumpridas pelo prêmio ou castigo, pela sua obediência ou transgressão. Por exemplo, escolas, igrejas, empresas, órgãos públicos e clubes.
- **A identidade subjetiva:** nascemos em um meio e somos educados para nos conformar com a identidade de gênero que nos é atribuída. Isto é motivo de tranqüilidade para algumas pessoas, mas de tensão para outras.

Em resumo podemos dizer que temos:

Símbolos: Imagens, figuras, músicas, lendas, novelas, romances...

Mulher: Nossa Senhora, Eva, princesa, mocinha, bruxas...

Homem: Jesus Cristo, reis, heróis, fortes, corajosos, violentos, audaciosos...

Normas e valores: Escritos: leis, regulamentos...

Não escritos, educação, tradição, costumes...

Instituições: Família, trabalho, igreja, escola, clube, política, justiça...

Subjetividade: Formação da identidade pessoal

O que somos, pensamos, sentimos, amamos, desejamos..., nossos medos, nossos sonhos, nossas esperanças.

É desta forma que a sociedade constrói, mantém ou modifica as relações de gênero, isto é, a partir da lei, das instituições, dos símbolos, da maneira de falar e da subjetividade de cada homem e cada mulher.

5. CAPITULO IV: PRESENÇA DAS MULHERES NA EVANGELIZAÇÃO HOJE

Nunca, na história da humanidade, os direitos conquistados por um determinado setor oprimido da sociedade vieram de presente, ou caíram do céu, como uma concessão do opressor. É necessária a consciência de que liberdade e igualdade não são concessões. São direitos. Conquistar a emancipação passa por muita luta e organização política, e isso pressupõe identidade coletiva.

Quanto a este tema, por muito tempo os movimentos de mulheres perceberam a necessidade de garantir a existência de espaços de auto-organização. Esses espaços são fundamentais na construção de uma identidade coletiva que, ao fim organiza uma luta comum. A história das mulheres vem sendo escrita através de processos de desconstrução e

reconstrução dentro das relações de poder.

No âmbito da evangelização as mulheres vêm apresentando importantes contribuições, como será apresentado a seguir.

5.1. FIGURAS FEMININAS QUE MARCAM A HISTÓRIA NA ATUALIDADE.

Nesse sentido, no Brasil a história vem sendo construída a partir de um protagonismo diferente. Muitas mulheres, índias, negras, caboclas e tantas anônimas, se inserem num processo de libertação e luta para transformar as relações de gênero e de classe.

Este fenômeno vem acontecendo em todos os setores da sociedade e também, nas organizações e instituições religiosas. No aspecto sóciopolítico as mulheres avançam a cada dia. Por isso, podemos dizer que, a partir de 1º de janeiro 2011 a história do Brasil jamais será contada sem colocar em destaque a figura da mulher. A posse da Presidenta Dilma Rousseff, como primeira mulher a assumir o cargo maior na nação, é um marco para a nossa democracia e certamente isso tudo é fruto da luta e da ousadia de muitas mulheres.

São mulheres que continuam acreditando que um “outro mundo é possível”, e por isso, não se cansam de fazer acontecer o milagre de muitos sonhos se tornarem realidade.

São histórias de vidas que ficaram marcadas com a dor e a alegria de quem nunca desiste de seus sonhos, porque sabe da força que a sustenta. E para muitas mulheres, a luta do dia a dia ensinou-lhes “essa estranha mania de ter fé na vida” como diz a canção de Milton Nascimento. Confirma:

“Mas é preciso ter manha,
é preciso ter raça,
É preciso ter sonho, sempre,
quem trás na pele essa marca
possui a estranha mania de ter fé na vida”.⁷⁵

A mulher é uma força, e ela sabe muitas vezes “misturar dor e alegria”. A própria

⁷⁵ NASCIMENTO, Milton. Maria Em <http://letras.terra.com.br/Milton-nascimento/47431/>. Acessado em 21/06/2011.

presidente Dilma tem uma vida marcada pela perseguição e sofrimento na época da ditadura militar. Contudo, ela mesma, inúmeras vezes recorda, dizendo que por tudo isso não guarda rancor.⁷⁶ Isso confirma ainda uma vez que é possível vencer o ódio com o amor e a ofensa com o perdão, porque “a mulher é ventre da paz”.⁷⁷

O Brasil, “gigante pela própria natureza”, esconde em seu imenso chão “verde e florido” histórias de muitas mulheres que marcaram épocas. Muitas destas vozes foram sufocadas e caladas pela violência. Porém, continuam vivas por terem tido a coragem de escrever a vitória da liberdade com a dor e seu próprio sangue.

Inúmeras mulheres foram mártires da fé e da luta por uma melhor qualidade de vida para o povo brasileiro e até mesmo para o mundo. Lembramos com carinho e apreço Irmã Doroth Stang, religiosa, assassinada, por defender projetos sustentáveis para o povo de Anapú. Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, assim como outras mulheres que hoje continuam contribuindo no caminho de libertação da mulher, como: Ivone Gebara, teóloga, feminista, causadora de polêmicas por questionar o patriarcado e defender os direitos sociais das mulheres.

Tudo isso faz parte de uma verdadeira escola de aprendizagem, onde muitas delas se tornaram mestras da fé e da solidariedade, sem temerem qualquer tipo de dominação. Suas histórias se transformaram em verdadeiras escolas de vida. E, aqui, vale recordar o que dizia Paulo Freire sobre o processo de aprendizagem e a pedagogia popular: “e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”.(1996:13).

5.2. O PROTAGONISMO DA MULHER NA EVANGELIZAÇÃO.

Olhando as comunidades cristãs de hoje, não é difícil identificar e especificar tantos rostos femininos na missão evangelizadora das igrejas.

⁷⁶

Dilma quer erradicar pobreza. O Liberal. Caderno Poder. Belém do Pará. p.01, 02/01/2011.

⁷⁷

Frase encontrada num texto de homenagem às mulheres.

A presença de mulheres em diferentes ministérios caracteriza a vida eclesial hoje, onde se apresenta um número expressivo de catequistas, líderes de comunidades, coordenadoras de pastorais e movimentos eclesiais, assim como algumas pastoras.

A convivência com mulheres de diferentes formações escolares e condições sociais, põe em evidência que elas tem capacidade de colaboração e sororidade, que as diferencia dos homens. Este elemento se deve talvez, ao fato da situação que elas tem em comum. Normalmente uma mulher ganha menos do que os homens e com dificuldade lhes é permitido de ocuparem lideranças nas instituições, inclusive religiosas.

Apesar desta situação, a mulher está cada vez mais cultivando e conquistando o seu espaço na sociedade. Por isso, vem crescendo significativamente o número de mulheres que se qualificam na Teologia e nas outras ciências, o que antes era reservado somente aos homens.

Provavelmente, este empoderamento deve-se a partir da participação e organização de diferentes formações que vem acontecendo na sociedade e nas igrejas. Existem alguns organismos que estão trabalhando esta temática. Em Belém do Pará há o Conselho Amazônico das Igrejas Cristãs (CAIC), o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), a Associação Amazônica de Ciências Humanas e da Religião (ACER) e tantos outros que estão comprometidos com esta causa.

Nestes últimos anos o CEBI – Pará vem realizando cursos de formação bíblica, sobre este tema destaca-se o Curso anual sobre a Leitura da Bíblia na ótica da mulher⁷⁸, que neste ano de 2011 celebrou a sua 15ª edição, conforme nos relata um texto da coordenação do CEBI: “A caminhada que iniciou timidamente e que se tornou uma data esperada. Esperada, pois a reflexão desafia. A celebração envolve nossos corpos. A convivência nos faz experimentar relações novas entre mulheres e homens”.⁷⁹

O mesmo texto diz que o curso nasceu a partir da seguinte reflexão: “A Bíblia foi lida e escrita num mundo patriarcal, então ela e nós somos marcados por este mundo que se organiza a partir do homem. O homem torna-se o ponto de referência para todas as relações que compõem o tecido social, inclusive o religioso. Então devemos aprender a ler a partir da

⁷⁸

O Curso é coordenado e ministrado pelo grupo de Mulheres da Casa Trapiche.

⁷⁹

Curso Leitura da Bíblia na Ótica da Mulher 2011. Centro de Estudos Bíblicos - CEBI -PA , 03/2011.

mulher tendo como meta viver relações de igualdade e parceria entre mulheres e homens”.⁸⁰

Nestes 15 anos de caminhada o aprofundamento vem se tornando sempre mais rico e as/os participantes contribuem de “maneira viva e eficaz.” Os temas abordados nestes anos foram:

1996: Início de uma caminhada com Agar, Rebeca, Dina e Tamar.

1997: Primeiros passos na Leitura de Gênero a partir de Mateus 1,1-17.

1998: Elementos de hermenêutica feminista: As mulheres no Evangelho de Lucas.

1999: Treinando: vida – desconfiar – desconstruir – reconstruir no Evangelho de Mateus.

2000: Palavras antecipam, ousam, parceria, profetizam, anuncia: Recuperando a memória na tradição do, da Discípula Amada.

2001: O nome é presença que revela, faz história, desafia: Encontrando as mulheres nos Atos dos Apóstolos.

2002: Mulheres que tem olhos de fogo, profecia, sabedoria, história, vitória em Ex 1-15.

2003: Reescrever a Bíblia com Eva, Dina, Tamar, Betsabeia: Noções sobre patriarcado e matriarcado.

2004: Não houve a semana de estudo.

2005: Caminhando com Rute e Noemi passar da inimizade à amizade entre mulheres.

2006: Celebração dos 10 anos – Ensaiar uma nova Dança.

2007: Uma nova dança nasce de uma nova música: Hermenêutica feminista a partir de textos bíblicos e de reflexões.

2008: Nossas mães nos contaram a história do matriarcado e do patriarcado.

2009: Resgatar o Feminino no mundo.

2010: Re Encontro com Maria.

2011: Recordar – Denunciar – Resistir – Recriar.

O grupo de mulheres da Casa Trapiche em sua prática segue os passos da Hermenêutica Feminista para leitura da Bíblia. Passos que serão relatados a seguir e que o grupo apresentou na primeira noite do curso deste ano e aplicou ao longo das noites⁸¹.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem.

1. PASSO: Memória – Experiência

A vida das mulheres interroga a Bíblia. Isso leva a problematizar a realidade e fazer perguntas. Ao formular perguntas usa-se o instrumental de gênero como análise da realidade e do texto bíblico. O instrumental de gênero denuncia a falsidade do “conceito que o biológico é natural” e nos leva a perceber “a construção social de gênero”, e se é construção pode ser desconstruído.

O texto dialoga com a experiência das mulheres e um dos seus resultados é a reapropriação da palavra. Quais as perguntas que nos levam para a Bíblia ou quais as perguntas que vem de nossa vida e que levamos para Bíblia?

- Como a memória e a partilha de nossas vidas ajudam na cura de nossas relações?
- Como nossa vida de mulheres pergunta para Bíblia?

2. PASSO: Suspeitar

Liberdade de fazer perguntas. Como aprender a suspeitar? Como suspeitar do texto bíblico? É importante confrontar as traduções e suspeitar delas. Fazendo perguntas: Onde acontece? Quando acontece? Como acontece? O que acontece? O que se diz da pessoa?

Comparar com outros textos (intratextual). Verificar as palavras chaves e aprofundar compreendendo-as no texto e no ambiente. Mas também confrontar com outros textos fora da Bíblia (extratextual)

Levar em conta que o contexto, o ambiente bíblico é patriarcal, androcêntrico, kyriarcal, e no texto há relações de poder e de dominação, conflitos e interesse que estão por trás daquele que escreveu.

- Desde pequenas nos ensinaram a ser boas meninas, como e quando nos nossos grupos de mulheres aprendemos a suspeitar?
- Como e quando nós mulheres suspeitamos dos textos bíblicos?

3. PASSO: Desconstruir

Liberdade de dar respostas parciais. Liberdade de encontrar a autoridade bíblica nos nossos corpos e nas nossas relações cotidianas e políticas em defesa da vida.

É importante desconstruir para chegar perto da realidade de quem escreveu o texto; para que possamos perceber os silêncios, as ausências, os ocultamentos, o pensamento androcêntrico e patriarcal; para que os textos façam bem para nossos corpos, as nossas relações junto com outros corpos, com a natureza.

- Já encontramos textos na Bíblia que falam de mulheres?
- Já tentamos fazer falar os silêncios das mulheres na Bíblia?

4. PASSO: Reconstruir

Liberdade de recriar, reescrever, festejar, celebrar os textos bíblicos para encontrar o sagrado em nossa vida cotidiana e política.

O texto é tecido, é corpo como os nossos corpos, como são tecidas as relações entre os corpos. A partir disso que nasce a interrogação sobre autoridade bíblica que nasce da certeza que a vida é sagrada e que é um tecido de relações.

Dois corpos que se encontram: o corpo das mulheres e o corpo que é o texto bíblico. Dois corpos que perguntam, que querem se tocar, toques e perguntas amorosas, mas também tristes.

A reconstrução das relações no cotidiano, reconstrução dos corpos que se encontram é espiritualidade nova: a divindade que se revela como dádiva nas relações corpos e corpos-textos.

Autoridade bíblica que se revela nas múltiplas relações que tecem a vida, que assume

a defesa da vida como sagrada. Recriação criativa de textos violentos que nos fazem mal: como recriá-los para que sejam para relações novas e igualitárias para homens e mulheres. Recriação da Palavra que é nossa força de fé, para nós mulheres e homens do CEBI.

- Como recriamos e reescrevemos os textos bíblicos?
- Qual é o compromisso político que nasce de nossa leitura bíblica de mulher?

5.3. CASA TRAPICHE: MULHERES LENDO A HISTÓRIA DE LÍDIA.

A análise da perícopes apresenta Lídia e outras mulheres no lugar de oração, que se encontravam na beira do rio. Para a atualização desta pesquisa será apresentada a experiência de mulheres da Casa-trapiche (casa na beira do rio). Este paralelo de casa na beira do rio nos chama para vida de mulheres que se encontram nos diferentes rios para encontrar a água de onde brota a vida.

O grupo de mulheres Casa Trapiche é um espaço de vivência e estudo da leitura popular da Bíblia, que tem como característica a leitura na ótica feminista. Algumas destas mulheres fazem parte do grupo do Cebi – Pa e se encontram com frequência (e de maneira sistemática) para o estudo das Sagradas Escrituras e outros temas.

As mesmas desenvolvem estas atividades, na região Metropolitana de Belém e outros municípios. Algumas delas continuam aprofundando seus Estudos Bíblicos e ao mesmo tempo ministram curso de leitura popular nas comunidades.

Para esta pesquisa foi oportunizado um momento de partilha com as mesmas e também foi colocado em anexo um texto que conta à história do grupo.⁸²

Uma de suas atividades é o Curso anual de Leitura da Bíblia na ótica da mulher, que conforme foi citado anteriormente, já acontece a 15 anos. Elas são as grandes protagonistas na organização do curso e a cada ano cresce o seu empenho para torná-lo sempre mais dinâmico e prazeroso.

⁸² BUSCEMI, Maria Soave. Organizadora. Vida e Bíblia. Mulheres Tecendo cura. Editora Contexto. São Leopoldo, 2008.

Um dos encontros foi dedicado ao estudo de Lídia, conforme será apresentado em anexo a esta pesquisa.

Após esta reflexão é possível dizer que existe uma maneira própria da mulher para olhar e compreender o texto bíblico. Tal experiencia tem oportunizado momentos de crescimento para o próprio grupo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta pesquisa e, conforme foi mencionado desde o início, a figura de Lídia vem iluminando e indicando os passos desta reflexão. No livro dos Atos dos Apóstolos, ela é uma das três mulheres que falam, assim como Safira e a escrava com dons mânticos. A fala destas mulheres tem relevância não apenas histórica, mas também teológica. E, apesar dos textos bíblicos e dos comentários deixarem em obscuro a participação destas mulheres, não foi possível esconder alguns fatos importantes.

Nesta pesquisa foi relevante apresentar o protagonismo das mulheres nas primeiras comunidades e, sobretudo, olhando a partir dos fatos da vida de Jesus, como é mencionada nos evangelhos, memória das primeiras comunidades. A relação de Jesus com as mulheres é verdadeiramente, uma atitude completamente nova para aquela realidade. As mulheres

sempre estiveram presentes na sua vida. Desde seu nascimento e por todos os momentos de sua vida pública, culminando com o grande evento de sua paixão, morte e ressurreição.

As mulheres permaneceram fiéis, do presépio até a cruz e não temeram o silêncio do túmulo, de onde partiram para fazer o grande anúncio da ressurreição: - Vi o Senhor. Diz Maria Madalena (Jo 20, 18).

A Boa Nova de Jesus chega até Lúdia, que se tornou uma das protagonistas na obra missionária. A partir dos textos analisados foi observado que provavelmente ela teve uma participação especial na missão, juntamente com Paulo e os outros missionários. Lúdia teria acompanhado Paulo em sua viagem missionária? O texto não apresenta nenhuma informação sobre este fato, porém, não nega. Tudo nos leva a crer que sua liderança não foi indiferente e isso pode se tornar um motivo para continuar esta pesquisa. E por que não?

Apesar dos exegetas não aceitarem a possibilidade de mulheres dirigindo o culto nas sinagogas, em At 16,13 Paulo e Silas encontram mulheres reunidas em oração numa casa sinagoga. Este fato torna-se relevante para o texto e nos convida a ter um novo olhar para esta perícopa.

Quanto ao convite de Lúdia (v.15), alguns autores mostraram que a acolhida de Paulo e dos outros discípulos, não foi simplesmente por ela ter melhores condições financeiras, mas pelas próprias necessidades que a missão exigia naquela época. O texto apresentou de maneira veemente a insistência de Lúdia, para que Paulo permanecesse em sua casa. Neste fato se encontra a sustentação para a liderança de Lúdia e o empoderamento das mulheres na comunidade.

Tais situações conduzem a uma reflexão e avaliação sobre a evangelização atual. Tudo isso poderá proporcionar experiências significativas na relação de gênero. Portanto, a experiência da Casa Trapiche torna-se um farol que ilumina a caminhada de mulheres que buscam caminhos novos para a evangelização na atualidade.

A caminhada avança e que as mulheres continuem cantando e louvando a Deus, na firme certeza que “lutar não foi em vão”.

E finalmente, uma lembrança particular a Ivone Gebara, mulher de buscas profundas, com a qual foi importante partilhar momentos de espiritualidade e reflexão sobre os valores da vida, à luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.⁸³

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

BÍBLIA TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB). São Paulo: Editora Loyola 1994.

NOVO TESTAMENTO GREGO (TNG). Quarta Edição Revisada. ALAND, Barbara *et al.* (Ed.). Stuttgart/Baueri: Deutsche Bibelgesellschaft/Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p.401 – 402.

AA.VV. Conceição Paludo (Organizadora). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida.** São Leopoldo: CEBI, 2009.

ALMEIDA, Fábio Py Marta de; SANT' ANNA, Élcio. **Estudos Bíblicos – 102** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Loyola,

1998.

BIGUZZI, Giancarlo. **Paolo e la donna**. Milano: Editora Figlie di San Paolo, 2009.

BUSCEMI, Maria Soave (Organizadora). **Vida e Bíblia. Mulheres Tecendo cura**. Editora Contexto. São Leopoldo, 2008.

CARVALHO, Heloisa S. de; NAKANOSE, Shigeyuki. **Alegrai-vos sempre no Senhor**.

Entendendo a Carta aos Filipenses. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Editora Paulinas, 1984.

FIORENZA, S. Elizabeth. **As origens cristãs a partir da mulher: Uma nova hermenêutica**. São Paulo: Editora Paulinas, 1992.

FRIGERIO, Tea. **A Palavra a caminho. Estudos dos Atos dos Apóstolos**. Subsídio nº9. Belém: IPAR, 2001.

_____ **Carta aos Filipenses: O sonho de Deus: uma casa acolhedora**. (Centro de Estudos Bíblicos): São Leopoldo, 2009.

LADISLAO, Maria Glória. **As Mulheres na Bíblia**. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

OKADA, Kátia Maria. **A mulher no ministério ordenado da Igreja**. REVISTA MANDRAGORA, ANO 2, n.2 – 1995.

OROFINO, Francisco. **Filipos. “Colonia Augustus Iulia Victrix Philippensium”**. Petrópolis: Editora Vozes 2009

PATRIARCA, Célia Maria. **Filipos, mulheres e solidariedade** (Estudos Bíblicos – 102). Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

REIMER, Ivone Richter. **Economia no mundo bíblico. Enfoques sociais, históricos e teológicos** (Centro de Estudos Bíblicos). São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

_____ **Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____ **O belo, as Feras e o Novo Tempo**. CEBI. Editora Vozes, 2000,

_____ **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja: uma exegese feminista de Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1995.

SOBERAL, José Dimas. **O Ministério ordenado de mulheres**. São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

STEGEMANN, Ekkehard e Wolfgang. **História social do protocristianismo: Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo**. Editora Sinodal e Paulus, 2004

STORNIOLO, Ivo. **Como ler os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulos, 1993.

VALERIO Adriana (a cura) **COLLANA LA BIBBIA NELLA STORIA – DONNE E BIBBIA: Storie ed Egesi**. Bologna: EDB. 2006.

VIDAL, Mara. **Uma voz diferente entre tantas outras. Entrevista com Ivone Gebara**. Revista Mandragora. São Paulo Brasil. Ano 2 - n.2 – 1995. p. 67-73.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos**. Santo André: Editora Academia Cristã Ltda, 2005.

VITALE, Tereza (org.), **Mulheres na política. Uma participação fundamental**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira. Co-edição: Editorial Abaré, 2005.

JORNAL LIBERAL. Belém – Pa. Em 21 de fevereiro de 2011: “Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria como Sesc projeta chocante estatística: a cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas violentamente no Brasil.”

JORNAL O LIBERAL. Belém – Pa. Em 02 de janeiro de 2011.

ROTEIROS para reflexão VIII. Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. CEBI. São Leopoldo, 1999,

NASCIMENTO, Milton. **Maria Maria**. Em <http://letras.terra.com.br/Milton-nascimento/47431/>. Acessado em 21/06/2011.

SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. **Considerações para uma hermenêutica de gênero do texto bíblico**. Em: http://www.franciscanos.org.br/itf/revistas/ribla/37_2.php. Acessado em 21/06/2011.